ANO 5.°—N.° 223. Guimarãis, 10 de Maio de 1936. O JORNAL DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO NO CONCELHO. Número avulso 50 ctvs.

NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

JORNAL DEFENSOR DOS INTERÊSSES DO CONCELHO ■ Agência em Lisboa — P. dos Restauradores, 13-3.°-D. — Telefone 27136.

Redacção e Administração: R. da República, 45-47. Telef. 34. Secção de expediente e arquivos: L. Conselheiro João Franco, 30. Composição e Impressão: Tip. Minerva Vimaranense

Director, editor e proprietário—ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

VISADO PELA COM. DE CENSURA

PRÓ-MONUMENTO AOS HERÓIS DA GRANDE GUERRA

S. Excelência o Senhor Ministro das Finanças, por despacho de 18 do mês findo, autorizou a emissão de 100.000 sêlos de propaganda, vendáveis ao preço de 1 escudo, devendo ser publicada por estes dias a portaria que permitirá a aposição dêsses mesmos sêlos na correspondencia, sem prejuízo da franquia postal. Pró-Monumento! Por Guimarãis!

A comemoração Gilvicentina

Gil Vicente . . . na Câmara

Devo confessar que a proposta apresentada e aprovada pela Câmara Municipal em sua sessão de 30 de Abril me surpreendeu e me deixou perplexo.

Como é que uma entidade que nunca tomou uma decisão na comemoração Gilvicentina, vem tam abruptamente e numa hora infeliz dar foros de *verdade oficial* ao remendo do sr. Dr. Júlio Dantas na comemoração a realizar pela Academia?

Como é que tam levianamente se salta por cima de compromissos tomados e se resolve acompanhar uma entidade que só agora se lembrou que Gil Vicente era português, a-pesar-de, em 1935, ter votado por unanimidade comemorar em 1936 o 4.° centenário da morte do nosso comediógrafo?

Que ideia ficarão fazendo dos homens e da nossa terra o sr. Dr. Afonso Lopes Vieira, a Senhora D. Amélia Rei Colaço, a Junta de Educação Nacional, a Comissão Central de Turismo, a Sociedade de Propaganda de Portugal, pessoas e entidades consultadas, segundo se afirma, pelos delegados da nossa Câmara Municipal?

Mas para que foi tanta pressa, para que foi tomada tam precipitada resolução de passar para 1937 a comemoração que se deve fazer neste ano?

Porque o sr. Dr. Júlio Dantas afirmou — «que Gil Vicente era vivo para a actividade literária, em 1936»? Mas não afirmou o mesmo douto académico que «o poeta, ou porque se extinguisse na velhice e na doença, ou porque circunstâncias de ordem política ou religiosa impuseram silêncio ao seu génio — o poeta, repito, não o homem, deixou realmente de existir em Dezembro de 1536, data da representação da sua última obra»?

Porque é que se considera *verdade oficial* uma comunicação que nada mais adianta a estudos anteriormente feitos, e na qual *oficialmente* se mata Gil Vicente poeta em Dezembro de 1536?

Onde está a lógica, a coerência, o bom-senso? Na comemoração em 1936 ou na comemoração em 1937? Onde existe a *verdade oficial* que se foi, tam pressurosamente, agarrar pelos cabelos?

Para quem tenha estudado a figura grandiosa de Gil Vicente, a comunicação do sr. Dr. Júlio Dantas nada tem de inédito, nada tem de novo, nada tem de seguro.

Não se pode considerar *verdade oficial*, porque, pela mesma teoria, são também *verdades oficiais* os estudos de D. Carolina Michaëllis, de Bell, de Braancamp, de Brito Rebêlo, de Lopes Vieira e de tantos outros.

Dá vontade de preguntar ao sr. Dr. Júlio Dantas e à nossa Câmara, como no *Auto Pastoril Português:*

. . . . . .

«He essa a tua saia nova?
«Mostra ca a ver que lan tem.

. . . . . .

E' sempre costume sabido e antigo que as comemorações centenárias se fazem durante o ano I e não apenas durante o mês em que o centenário ocorre.

A inauguração do monumento a Sarmento não foi feita durante o ano do centenário, embora fora do mês em que êsse centenário se completava? Que tem pois que ver que Gil Vicente estivesse vivo em Abril, ou em Maio ou em qualquer outro mês de 1536 se se fixa a morte do poeta, — não do homem, — em Dezembro de 1936 com a representação da sua última peça — *Floresta de Enganos?*

Pode-se ainda voltar atraz, porque é melhor reconhecer um êrro e emendá-lo, do que persistir nêle, mantê-lo e procurar impô-lo.

Se neste adiamento a Câmara não teve qualquer outro intuito senão o de acompanhar a Academia das Ciências na sua extemporânea comemoração, preguntamos: que se vai agora fazer?

Continuar-se-há na mesma apatia, caídos na mesma *apagada e vil tristeza* ou trabalhar-se-há desde já com entusiasmo, com calor, com espírito de bairrista para que neste ano se lance a primeira pedra do monumento que é dever erigir? Ou, chegados a 1937, ficar-se-á ainda à espera que se consiga saber quando é que Gil Vicente homem deixou de existir nêste mundo de desvairadas gentes?

5 de Maio de 1936.

Manuel Alves de Oliveira.

Verdade oficial, àcêrca de quê?!

— Que Gil Vicente era vivo para a actividade literária em 1536!?

— Que a Academia das Ciências não comemora no presente ano o 4.° Centenário do Fundador do Teatro Português, só porque pretexte razões de férias!?

— Que haja propósito sensato de imprimir à Festa da Cidade o cunho popular!?

Francamente, não percebemos até onde vai a comunicação «com foros de *verdade oficial*», nem achamos razões que justifiquem a transferência, para o próximo ano, da comemoração Vicentina.

Caboucando...

Lê se: «um Monumento de homenagem aos mortos, erigido na praça pública, é lição, exemplo e testemunho, *não de núcleos, de pessoas, de grupos*, mas da cidade, da alma colectiva dos vimaranenses».

Posto assim, em letra de fôrma, sem mais nada, os incautos acreditariam nestas palavras que viram a luz do sol a dardejar na Imprensa da Terra; porém, se a elas opusermos *a alma colectiva dos vimaranenses* que escolheu os seus delegados em reünião magna, para componentes duma Comissão Pro-Monumento, aquelas entre-linhas desaparecem de súbito e num instante, porque não há *núcleos, de pessoas, de grupos*, mas sim a vontade unânime de um Concelho que não pode estar à mercê das habilidades de quem, sendo odiento, «se sente feliz em tratar bem, em ser melífluo, gentilhomem».

Olé! Olé!

Quem descer Relho, fica logo identificado com o que observar.

Uma obra de truz!

Informam-nos, e com veracidade, que aquele aleijão não teve o aplauso da decantada Comissão de Estética, nem tam pouco o *referendum* da Repartição Técnica — como hoje soi dizer-se — da Câmara Municipal.

Aquilo visto a ôlho nú, arrepela o sentido artístico de todos quantos tenham jeito para qualquer mister, ainda mesmo que se limitem a meter varetas em guarda-sóis ou compassem os ranchos regionais.

— Nem ao diabo lembraria!...

Mas, fêz-se, e tôda a população citadina pode observar uma porta de garage com dois arcos ogivados a sobrepujar uma grossa viga de ferro, muito à laia de coisa-forçada.

A iniciativa particular

Sempre o mesmo a esbravejar e a esgrimir contra os moínhos de vento!

Nunca o calo lhe apertou tanto — e não admira dadas as alterações da atmosfera! —, e vá de se atirar à *iniciativa particular* como qualquer ridículo Quixote da lenda, para se dar ares de pessoa destemida e arrogante.

— *Caramba! Os becerros foram para el aprisco...*

. . . . . .

E que dizer da *iniciativa particular* que erigiu os monumentos a João Franco, a Gravador Molarinho, a Sarmento e ao *Fauninho* do jardim?

— O espírito de sacrifício?!

Mas que nos interessa a nós, vimaranenses, que A ou B se prontificasse a ganhar a bagatela — pobres dos sacrificados! — de *4 ou 5 contos de reis?*

Ele há cada um que é como cada qual!...

— Quem os ouça, até mendigará uma esmola para fazer as suas lamúrias.

— *O espírito de sacrifício!*

— Bonda, senhores, que a terra não é enjeitada para que necessite de... amas sêcas.

O Dom Prior de Guimarãis

A prisão do arcebispo de Braga — Os conspiradores de 1641 — O cárcere do prelado e as letras de sua reverendíssima — A pedra anular do conspirador.

O senhor arcebispo de Braga, do fundo do seu húmido cárcere lançava a maldição sôbre Portugal que tinha aclamado um rei português. Nas suas imprecações abrangia os cónegos de Nossa Senhora da Oliveira de Guimarãis, como combatentes da santa causa da Liberdade da Pátria.

Não podia conceber, do negrume do seu cativeiro, como clérigos da sua jurisdição lhe não obedecessem, levantando o povo contra D. João IV, antes manejando o arcabuz e sob as vestes conventuais albergassem o polvorinho e os zagalotes.

— Malditos! — rugia o feroz arcebispo. Sua Majestade Católica D. Filipe, castigá-los-ia quando volvesse a ocupar o trono.

Não se convencia de que tudo quanto tinha arquitectado fracassara com a prisão dos cúmplices.

Ao marquês de Vila Real haviam decepado a cabeça, bem como ao conde de Armamar, da ilustre família dos Noronhas, sobrinho do prelado. O duque de Caminha, que sempre regeitara qualquer cumplicidade, sofrera a pena capital só por se ter recusado a denunciar o autor dos seus dias.

A dignidade do senhor arcebispo furtava-o ao suplício do machado, mas mais horroroso era aquele a que o tinham condenado. Apodreceria na prisão, sem ar, sem luz, um feixe de palha a servir-lhe de leito, os ratos por companhia a compartilharem do seu negro pão que a humidade aboloceria em pouco tempo, a bilha da água criando miasmas e cheiro pestilento onde se dessedentaria nas horas da febre.

As vestes prelatícias iam-se corroendo pelo uso aturado, apodrecendo com a humidade da masmorra, desaparecendo, aos pedaços, nos estômagos famintos das ratazanas, companheiras sinistras de tão sinistro traidor.

Num resto de dignidade episcopal, conservava preso na cabeça, como que colado pela imundicie, o *soli deo* a atestar a chefia de uma diocese de roedores, animais das trevas, êle que nas trevas se movera para roer os laços que cintavam a independência de Portugal.

Fora do cárcere de sua reverendíssima era o silêncio a amplificar o eco das suas maldições e injúrias. Dentro, naquele túmulo de vivos, o ruído monótono dos roedores a esfrangalhar os hábitos, destruindo as bordaduras de oiro, o brocado e as sedas de um dos mais poderosos senhores de Portugal, de um prelado cujas excomunhões faziam tremer os sólios e arripiar caminho a certos monarcas menos resolutos.

— Os de Guimarãis... a êles! Sua Majestade D. Filipe castigá-los-ia como mereciam tão desobedientes vassalos!

E na sua loucura que as dores das chagas aumentavam, porque na sua fúria destruidora os companheiros do arcebispo chegavam a cravar as unhas nas carnes enregeladas, o antístite blasfemava em pragas obscenas, em imprecações ignóbeis.

Tinha mandado um próprio a Guimarãis, berço do primeiro rei português, com letras suas para que o dom prior de Nossa Senhora da Oliveira amotinasse a cidade na hora própria.

O regedor da Colegiada, guardara as letras do arcebispo e, secretamente, preparara o contrário.

Reünira o capítulo e, ante os cónegos e demais clérigos, ordenara a todos que estivessem prontos para a defensão da Pátria que os espanhóis ameaçavam com incursões constantes, no Alentejo e nas Beiras, em Tras-os-Montes e no Minho.

Em frente de Melgaço acampavam os terços castelhanos prontos para o assalto da vila arraiana. A sua guarnição, diminuta, não podia agüentar o embate das aguerridas hostes espanholas e, ocupando aquela vila, reforçadas as tropas com mantimentos, fácil lhes seria a marcha em direcção do sul, sôbre Guimarãis, Braga e Pôrto. Cumpria-lhes, pois, organizar uma séria defesa pela fronteira norte e sua reverendíssima, o dom prior, contava com o patriotismo dos seus colegiais.

Não falara na carta do arcebispo. O seu pudor levava-o a fugir da denúncia, embora o seu patriotismo o aconselhasse a desmascarar o traidor. Esperava, contudo, que a Providência se encarregasse de fazer justiça.

Instigados pelo dom prior que não querendo denunciar o seu prelado, se punha a salvo das iras reais se um dia se viesse a descobrir a tentativa de aliciamento de que fôra alvo por parte do antístite bracarense. Teria a mesma sorte que o duque de Caminha ao saber da trama e não o ter participado ao soberano. Entre os conspiradores figurava o marquês de Vila Real, pai do justiçado duque.

Guimarãis não aceitara as ofertas do arcebispo, em nome do rei de Castela que queria, de novo, ostentar a coroa portuguesa. Os frades da Colegiada não haviam acedido à pretensão de sua reverendíssima que as letras de D. Sebastião de Matos Noronha revelavam.

Não passavam de Lisboa as palavras do senhor arcebispo, não subira ao Minho a voz do prelado e êste, apodrecendo em horrível masmorra, sabia que Guimarãis defrontava o inimigo junto da raia, batendo-se bravamente para orgulho da terra que lhe deu o ser — o berço da nacionalidade.

O dom prior de Nossa Senhora da Oliveira quisera falar ao antístite. Não lho consentiram as ordens régias; queria lançar-lhe em rosto o seu desespêro, a sua traição, a sua vilania: soubera, mais tarde, que o arcebispo o amaldiçoara como aos de Guimarãis. O dom prior ao ter conhecimento da ira do prelado, estava no refeitório. Encolheu os ombros, soltou uma gargalhada sonora, levantou a taça vasia e ordenou que lhe servissem de beber.

O precioso nectar gargalhou dentro do argênteo recipiente, num caudal de côr ametista.

Era a pedra anular do arcebispo que se desfazia.

Oliveira Abrantes.

MAIO FLORIDO

Vinde comigo! Olhai como isto é lindo agora!
Tudo cheio de flor's, de sol, de melodias!
Vossos olhos soltai pelas campinas fora,
Afundai sua luz na luz das bizarrias!

O céu é um mar de anil! A terra, sofredora,
Parando de beber as chuvas longas, frias,
Dá à luz, do seu ventre, a mésse encantadora,
Onde ralham pardais às loiras cotovias!

Insectos, aos milhões, numa loucura furam
O espaço escaldante em lúbricos zunidos!...
Entre os fenos, reptis coleiam-se ligados!...

Vermes, na podridão do humus, se procuram!...
Os faunos sensuais, nas selvas escondidos,
Espreitam da zagala os seios levantados!...

Maio de 1936.

Delfim de Guimarãis.

Francisco Pinto Rodrigues
Advogado
R. Gravador Molarinho — Guimarãis
TELEFONE 172

O amor à Terra e à Grei — eis o nosso lema.

A Filial Pimenta Machado é hoje a casa que mais sortido tem em casimiras. (77)

NOCTURNO

Baixando o dia
Em seu aspecto trágico e severo,
A Natureza
Concerta-se
Em convencional harmonia:
— Isolamento,
Luz untuosa de luar,
Sombras piedosas,
Trémulas e incertas,
Balouçando-se,
Agitando-se,
No cício leve do ar;
Tumulto visionário,
Abandôno;
Seiva a estuar — alma sonhadora
Da flor gentil —
Subindo para além dos astros palpitantes;
Fantasia
Dilecta e cândida,
Emocionante e febril!...

Contudo,
Quanto mais
Se leva a noite
Em vigília aturada,
— Por vezes pungente —
A' hora alta
Esvoaçam
Bandos obscuros de noitibós
Que, trilando volatas,
No ilimitado,
Povôam o pensamento
De ideação
Extravagante e singular!

De par em par
Se contam
As horas inquietas
Do mistério do Horizonte!...
Aquelas horas
Escorreitas,
Manando da madre
De inexaurível fonte — a Vida,
E que,
Borbulhando em cachão,
E' a linfa cristalina
Mitigadora da sêde,
Da sofreguidão
Que
Saciou,
E satisfez,
Os pais dos nossos pais
— Aos nossos saudosos avós.

.....

Núbil,
Impressionante,
Também
A Terra,
Neste cômputo do tempo,
Se veste com seu vestido de himeneu.
Suspira de Saudade...
Da palidez
Irrompem desejos sensuais...

.....

Já canta a cotovia
— Mensageira da alvorada!

E as noites,
Porque, às vezes,
Não são iguais,
Num esbôço rápido
Deixam entrever,
Desenhado,
No vidro translúcido do firmamento,
A imagem duma jóvem Tarentina
Erguendo-se
No esplendor da aurora,
De pé,
E vogando
Ao sabor do vento
Em seu bergantim de sonho
— Quarto crescente de Lua!

1936

L. COELHO.

Anunciai no NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

Festas da Cidade

Da Direcção da Associação Comercial e Industrial de Guimarãis recebemos há dias, com pedido de publicação, a seguinte nota referente à próxima realização das **Festas da Cidade**, e respeitante a resoluções tomadas em reünião extraordinária da mesma direcção em 4 do corrente:

«A Direcção tomou conhecimento dos ofícios da C. A. da Câmara Municipal de Guimarãis, sob os N.os 194 e 207, respectivamente de 24 do mês findo e 2 do corrente, e lamentando que durante êstes 4 mêses últimos, nada se tivesse feito em prol das *Festas Gualterianas*, resolveu:

a) Aceitar a deliberação camarária que confia a esta Associação o encargo de realizar as *Festas da Cidade*, no corrente ano;

b) Reevindicar para si absoluta autonomia na organização do programa das Festas e sua realização;

c) Só dar início aos seus trabalhos para a realização das *Festas da Cidade*, depois da Comissão A. da Câmara Municipal depositar na Agência da C. Geral dos Depósitos desta cidade, e à ordem da Associação Comercial e Industrial de Guimarãis, a verba de 70 mil escudos, que sob a rúbrica de «Festas da Cidade» se acha inscrita no orçamento municipal para o corrente ano, deliberação esta que não envolve a mais ligeira desconfiança desta Associação para com a ex.ma C. A. da Câmara Municipal, mas tam sòmente a necessidade que tem esta Associação, de, ao tomar êste encargo, poder trabalhar com absoluta liberdade e segurança.

Guimarãis, 4 de Maio de 1936.

A DIRECÇÃO.»

Vejam diàriamente as exposições de fatos com preços, na
Filial Pimenta Machado. (80)

Romaria Pequena de S. Torcato

No grandioso e pitoresco local de S. Torcato, realiza se, no próximo domingo, a denunciada Romaria Pequena, que, de ano para ano, vai atingindo as maiores proporções, não só pela muita crença que sempre inspira o Milagroso Santo como também pelos suntuosos melhoramentos que ali se admiram.

A Feira de gado bovino, que tem sido importantante em transacções, contribue também para a grande concorrêncin de forasteiros, proporcionando assim todos um dia agradável e de completa distracção.

Aos expositores de gado bovino que a esta feira concorrerem serão conferidos os seguintes prémios:

150$00, ao da junta de bois gordos de maior pêso e beleza.
100$00, ao da melhor junta de bois de trabalho.
40$00, ao da melhor e mais bonita junta de touros sem desfecho.
30$00, ao da melhor vaca turina.

PROGRAMA

Ao romper da manhã, a festa é anunciada com prolongadas girândolas de fôgo, enquanto alqumas bandas de música percorrem os largos que rodeiam o majestoso templo.

A's 8 horas, a banda dos Bombeiros Voluntários de Guimarãis percorrerá as ruas da cidade, dirigindo-se em seguida à formosa estância de S. Torcato.

Pelas 10 horas, no seu Santuário, terá princípio a brilhante festa religiosa que consta de missa cantada a grande instrumental, sermão por um dos mais talentosos oradores sagrados e exposição do Santíssimo Sacramento.

Ao meio dia, subirá ao ar grande número de girândolas de fôgo, que anunciarão bem longe tam importante festividade, sendo o local da feira novamente percorrido pelas bandas de música.

Procissão

A's 16 horas, haverá no grandioso templo um solene *Te-Deum*, saíndo em seguida a majestosa procissão levando a imagem do mártir de S. Torcato em seu andor, um côro de vírgens entoando cânticos alusivos, corpo clerical e o pálio sob o qual será conduzida a Relíquia do Santo Lenho, fechando o préstito duas bandas de música.

Antes de recolher ao templo tam aparatosa e luzida procissão a veneranda imagem do Glorioso e Santo Mártir será conduzida, com tôda a imponência, para a sua nova capela da Fonte do Santo.

No final da procissão as bandas de música, em elegantes corêtos, farão ouvir as variadas peças dos seus vastos repertórios. Será também queimado um vistoso e surpreendente fôgo de bonecos de afamado pirotécnico.

Marcação de lugares para a Romaria Grande

No próximo domingo, por ocasião da Romaria cujo programa acima publicamos, proceder-se-á à marcação de lugares para a Romaria Grande de S. Torcato, a realizar, na forma dos anos anteriores, no primeiro domingo de Julho próximo.

Lêde e propagai o "Notícias de Guimarãis,,

O Caso do Monumento

Recebemos, com pedido de publicação, do nosso querido amigo sr. Capitão Duarte Fraga, a seguinte carta:

...Sr. Director do «Notícias de Guimarãis» e meu amigo:

Ao contrário do que êste jornal anunciava no seu último n.º, o que vai ler-se não é a resposta ao sr. António Lopes de Carvalho, pois não há a que responder-lhe, dado que S. Ex.ª nos seus artigos últimos (os III e IV da série) nada de novo trouxe à discussão, limitando-se a repisar conceitos mais ou menos extravagantes, que já lhe conheciamos, e a persistir em afirmações que está demonstrado não terem bases sérias, por não corresponderem à veracidade dos factos em que pretende alicerçá-las.

O público conhece já perfeitamente tudo quanto se relaciona com o monumento aos Heróis da G. G., de tal forma foi claro, preciso, rigorosamente exacto, o relato dos factos em questão, feito nas minhas anteriores cartas. Bem quis o sr. Carvalho torcê-lo ao jeito das suas conveniências de momento, mas falhou em seus propósitos, porque a verdade continua a ser uma só — e não há postura que determine o contrário... Não vale, pois, a pena, insistir no que já está mais que demonstrado. Seria arrombar uma porta aberta.

Punhamos — ou, melhor, ponho eu, a partir de hoje — têrmo à questão que, aliás, só o foi por o sr. António Lopes de Carvalho, com o seu feitio peculiar, se ter vindo entremeter com quem estava sossegado e é avêsso à publicidade. Antes, porém, algumas palavras mais, para não deixar passar sem correctivo coisas que bem o merecem.

Insidiosamente, revoltantemente, s. ex.ª, referindo-se ao projecto em que colaborei, diz que êle teve o aplauso «*mais ou menos reflectido, dos 50 a 100 dos vimaranenses*»!... Os 50 a 100 dos vimaranenses são as pessoas que — *mais ou menos reflectidamente* (êste sr. Lopes de Carvalho é de uma extremada gentileza) — escreveram as suas impressões nos albuns respectivos. ¿E os milhares de vimaranenses—milhares, sr. Carvalho! — que o viram e, muito expressivamente, numa confortante unanimidade, manifestaram o seu aplauso?

Os processos de que se serve o sr. Carvalho, para diminuir um trabalho que não lhe agrada, feito por quem ainda menos lhe merece simpatia, não têm, até hoje, feito escola. Praza a Deus que sempre assim seja, se não nunca mais se poderá discutir com lealdade e correcção de maneiras!...

*

Exortei o sr. António Lopes de Carvalho a que me dissesse, claramente, sem subterfúgios, qual a intenção que o moveu ao escrever estas palavras: «Um Monumento de homenagem aos mortos, erigido em praça pública, é lição, exemplo e testemunho, *não de núcleos, de praças, de grupos*, mas da cidade, da alma colectiva dos vimaranenses». No seu arrazoado n.º 4, s. ex.ª começa por afirmar, de forma precisa — «*respondo à exortação*» — e não responde, afinal, coisa nenhuma, perdendo-se, antes, em considerações, mais ou menos reflectidas, algumas das quais Calino muito gostosamente subscreveria, sôbre o que entende dever ser o monumento, deixando me, e ao público, na ignorância do *núcleo, praça* ou *grupo* a que pertenço e ficando, assim, de pé, uma insinuação que tem os seus laivos de torpeza.

*

Sôbre a concepção do Monumento, permita-me o sr. Lopes de Carvalho que lhe diga que me merece mais crédito a opinião dos tais *50 a 100* e a dos muitos artistas e militares ilustres que o viram, do que a de s. ex.ª.

O sr. Carvalho, ao que entendo, opina por um monumento fúnebre. Eu tenho opinião contrária — e corporizei-a num trabalho que, se não merecesse admiração, deveria merecer respeito, e que me parece — perdoe-me s. ex.ª — não agravar em nada os malefícios desta *hora conturbada e de ânimo belicoso*...

*

A guerra da discussão do monumento acaba hoje, por minha parte. Nunca ela teria deflagrado se não fôra o sr. Lopes de Carvalho — que de há tempos a esta parte tem feito tudo quanto possível por pertencer à gloriosa falange dos *empatas* — partorejar aqueles *alicerces* tão firmes, tão sólidos, tão resistentes que deram, em resultado, empregando as palavras de s. ex.ª — *ter de escacar duas maquettes*.

S. ex.ª julga adulterado o pensamento da proposta aprovada em Janeiro de 34 pelo Município e, porisso, quere que punhamos de novo o problema, examinando-o, para lhe dar *plena positivação*. Seja como o sr. Carvalho quere, já que s. ex.ª e os demais colegas seus na edilidade são quem, nesta questão do Monumento — ouvida prèviamente a Comissão de Estética... — hão-de dar a última palavra, que fazemos votos não se faça esperar.

*

Sr. Director:

O capitão D. F. não quere mais nada com o sr. António Lopes de Carvalho. Deixa-o tranqüilamente entregue aos seus múltiplos labores de intelectual enciclopédico. De hoje em diante ficará mudo e quêdo sejam quais fôrem as manifestações provindas do *caos dos pensamentos singulares de s. ex.ª*...

Perdôe-me V. ... o espaço que tão abusivamente lhe ocupei — e relevem-me os leitores, e o público em geral, a estopada.

Creia-me sempre, etc.

Cap. Duarte Fraga.

Aos Agricultores

Não comprem adubos sem primeiro consultar os preços da nossa casa.

Na cultura do Milho

Adubos simples

Sulfato de amónio
Nitrato de sódio
Cal azotada
Fosfato Tomaz
Fosfato Alegro
Superfosfato de cal
Sulfato de potassa
Cloreto de potassa.

Adubos compostos
para todas as culturas.

Adubos concentrados completos.
Niphokalium *A* para milho
Niphokalium *B* para batata

dos quais são representantes no Norte a **Sociedade de Adubos Norte, Limitada**

Pedidos a

Costa & Irmão, L.da

CASA DAS SEMENTES (90)

Rua de S. Dâmaso, 21 — GUIMARÃIS

Misericórdia de Guimarãis

Encarecer e tornar conhecida a obra verdadeiramente grande da nossa Santa Casa, apontar os inúmeros benefícios que ela vem, há séculos já, espalhando pela humanidade, — pelos que sofrem as dôres morais e físicas — é reconhecer a verdade que lhe assiste, impondo-se ao respeito de todos os Vimaranenses.

Verifica-se, com grande satisfação, as grandes reformas por que tem passado nos últimos tempos, constatando-se, pelos mapas que nos foi dado ver — e a Santa Casa fez muito bem torná los públicos — que larga tem sido a sua acção. Todavia, tem ainda muito a fazer para o engrandecimento desta grande e gloriosa instituíção, para satisfazer as cada vez maiores e mais urgentes necessidades. Assim, acentua-se e nota-se dia a dia a imperiosa necessidade da montagem duma levandaria e dependências anexas, modernização da cozinha e actualização da sala de operações. Ora tudo isto se pode realizar com a nunca desmentida generosidade daqueles a quem a sorte tem beneficiado e que hão-de querer, certamente, contribuír com o seu auxílio pecuniário para tão importantes melhoramentos.

Impõe-se, pois, o auxílio da Santa Casa da Misericórdia, contribuíndo, como é justo e humano, para o engrandecimento e melhoramento do mais benemérito estabelecimento do concelho.

* * *

Resumindo as principais ocorrências no 2.º semestre de 1934 e do ano de 1935, a sua despesa total paga foi de Esc. 470.479$79. (Dívidas a pagar por falta de verba, 27.207$20; Com sustentação, 174.410$89. Farmácia, 75.710$15. Carne, 8,888,5 quilogramas. Ovos, 5.280. Leite, 24.103,5 litros (cêrca de 3 e meia pipas por mês). Tem uma média diária de doentes, 101,6.

O seu movimento, durante o ano findo, foi o seguinte: Consultas, no Banco, 7.448; receitas abonadas a doentes pobres (externos), 4.783, na importância de 22.379$75; Parturientes recolhidas, 123; doentes entrados durante o ano, 1.487; saídos no mesmo prazo, 1.480; ficaram existindo, em 31 de Dezembro, 73. No Balneário foram dados 2.232 banhos. Operações de grande e pequena cirurgia, 753. Curativos, no Banco, 24.202; injecções aplicadas, 13.371; aplicações electricas, 4.125. Transportes de doentes, 51.

Também nos últimos 3 anos o Hospital Geral de Santo António passou por grandes benfeitorias, como sejam a reforma completa da enfermaria da maternidade dotando-a com tudo quanto é necessário, desde o mobiliário completamente novo e próprio (camas, mesas, biombos, berços, banheiras, etc.; reforma completa do arsenal com o necessário aumento do material cirúrgico e organização do depósito de especialidades farmacêuticas. Sofreram sensíveis melhoramentos tôdas as dependências, desde a Secretaria (Aceitação) até à enfermaria privativa dos irmãos pobres, com aumento, complicações e arranjos das salas e salões; compra de material moderno, mobiliário moderno, etc., etc.

Eis, em pequeno resumo, o que é a vida interna do Hospital, que a falta de espaço não nos deixa desenvolver como seria nosso desejo. Porém, isto basta para acentuar os esforços dos cavalheiros que têm estado à frente dos destinos da Misericórdia, bem dignos crèdores de tôdas as homenagens. Que os Vimaranenses, sempre prontos a socorrer as casas de caridade da nossa terra, não se esqueçam de a auxiliar tanto quanto possível, concorrendo para o seu progresso e engrandecimento, a-fim-de que a Santa Casa para alargar mais ainda a sua acção benemérita por todos os pobres em geral.

No próximo número referir-nos-hemos às várias instituíções que, por meio de legados, a Santa Casa da Misericórdia possue e administra, publicando, o movimento hospitar interno e de beneficência pública.

Não comprem fatos sem visitarem a
Filial Pimenta Machado. (78)

Comissão de Viticultura da Região dos Vinhos Verdes

Secção de Estatísca

Saídas de vinhos verdes da região regulamentada, durante o mês de Abril:

DESTINO	VINHO TINTO Litros	VINHO B.º Litros
Pôrto	312.617	88.480
Lisboa	62.410	5.421
Diversas localidades	21.782	4.822
Entreposto	42.524	6.825
Exportação	122.961	6.268
N.º total de litros	562.294	109.870

O Presidente da Comissão Executiva,
a) *Manuel de Espregueira e Oliveira.*
O Chefe da Estatística e Mov.º de Vinhos,
a) *Francisco José de Magalhãis.*

TIPÓGRAFO

Compositor, habilitado, oferece-se. Carta a D. R., para esta Redacção.

TABÚ

Apresenta tôdas as semanas padrões novos com novidades.

A' venda na

Casa das Gravatas

EXUMAÇÕES DO PASSADO

(Quadros sinópticos da História Vimaranense)

Assédios ou cêrcos

5.º Cêrco

Deu-se êste no reinado de D. Fernando I, sendo as hostes castelhanas comandadas por D. Henrique II, rei de Castela, cuja coroa usurpára a seu irmão D. Pedro, o *cruel*, a quem assassinára com a própria espada, tendo-o aprisionado na batalha de Montiel. A causa primordial da invasão dos espanhóis, em Portugal, foi devida a D. Fernando ter faltado e rescindido as cláusulas do contrato que fizera com o monarca espanhol o nono para lhe casar com a filha D. Leonor. D. Henrique invade Portugal, entrando pelo Minho, faz render-se-lhe Braga, numa capitulação vergonhosa, ataca Bragança, Miranda e outras terras e vem pôr cêrco a Guimarãis, esperando que a vila também se lhe submetesse.

D. Fernando I encontrava-se então em Leça do Bailio para onde fôra para casar com a perversa e depois adúltera Leonor Teles com João Fernande de Andeiro, que D. Fernando trouxera consigo em uma das ocasiões que invadira a Galiza, entrando em Corunha de que aquele era natural e onde vivia. D. Fernando, sabendo que o rei castelhano se dirigia a Guimarãis para lhe pôr assédio, pensa em defendê-la e por isso recruta tropas em Vizeu. Mas inconstante como era não se apressa. Dirige-se para Lamego com os muitos fidalgos e cavaleiros que o acompanhavam. Aí recruta mais algumas tropas e vai poisar em Ferreirim no solar dos Coutinhos, então representados por Vasco Martins Coutinho, sendo recebido entre tochas, pois já era noite.

Aí ceou, a cuja opípara refeição assistiu o bispo da cidade, D. Lourenço e tocavam charamelas, tímbales, alaúcítolas e outros variadíssimos instrumentos, no meio da mais deslumbrante imponência. No fim do banquete ainda houve baile até manhã já clara.

Que lhe importava a êle a pátria! Era pouco o tempo para usufruír as blandícias do recente enlace que tão prejudicial foi para os interêsses de Portugal.

Naquela manhã abalou o novo rei para Guimarãis, cujo castelo resistia corajosamente às arremetidas castelhanas, defendido por Gonçalo Pais de Meira, escudeiro, seus dois filhos Estêvão e Fernando Gonçalves de Meira e mais quarenta homens resolutos armados que, com valentia, escaramuçavam com os sitiantes comandados pelo valoroso caudilho de grande fama *messer* Beltram Duguesclin, condestável da França.

Henrique II logo que chegara à dita vila assentou arraiais um pouco distante dos seus muros. Porém, como os de dentro começassem logo a peleja, pensou o invasor que melhor conseguiria seus intentos, se apertasse mais o assédio. Foi o que fez, mandando armar engenhos de arremessar, os quais, talvez por precipitação ou imperícia de quem os manejava, nenhum resultado maléfico produziram, porque as pedras que projectavam e expliam não atingiam os vimaranenses que estavam localizados *intra-muros*, nem sequer os animais.

Já assim não acontecia com os engenhos dos portugueses que, apavorando o arraial inimigo, matavam muitos sitiantes.

O rei sitiante, desanimado diante dos insucessos das suas tentativas, pois via que pela fôrça nada conseguia, lança mão do ardil e nele confia. Para êsse fim, combina com Diogo Lopes de Castro para que êle fôsse ao arraial dos vimaranenses, disfarçado, envolto num grosso pano de burel, dizendo-se homem do julgado que ali ia para velar e ajudá-los, mas que, ao mesmo tempo, lançasse fôgo aos 4 cantos do castelo e assim oferecesse ensejo ao assalto. Porém foi infeliz com tal estratagema, porque reconhecido pelos sitiados, êstes o massacraram e depois de morto o entregaram à voracidade dos cãis e das aves de rapina.

O Transtamara exaspera-se com mais esta desilusão, pois os sitiados, para cúmulo de tantas contrariedades, ainda lhe fizeram uma pirraça que foi, furtar-lhe um fidalgo, D. Fernando de Castro, que o rei trazia cativo de Montiel, organizando para êste fim uma sortida, facto a que se refere um documento manuscrito.

Diante de tanto denodo e persistência patriótica dos sitiados, o rei castelhano reconheceu que não tinha outro remédio senão desistir dos seus desejos, após trinta dias de porfiada luta, e, pretextando um inesperado ataque dos mouros a Algeciras, retirou-se, saqueando tôdas as terras por onde passava.

E D. Fernando não chegou a Guimarãis, entretido na *lua de mel* do seu *auspicioso* matrimónio. Sabendo da retirada do sitiante, licenceou a maior parte das tropas recrutadas e continua a sua vida cheia de defeitos e tergiversações que colocou Portugal no cairel do precipício, onde estivemos quási a submergir-nos, se não tivessemos a ventura de contarmos entre os nossos patrícios o valoroso e jàmais igualado o santo condestável D. Nuno Alvares Pereira.

6.º Cêrco

Foi determinado pelo Mestre de Aviz, D. João, rei primeiro do nome.

Em seguida ao falecimento de D. Fernando I, em 22 de Outubro de 1384, ficou Portugal entregue às contingências da sucessão ao trono, para a qual haviam três indigitados: *D. João*, filho de D. Pedro I e D. Inêz de Castro; *D. Brites*, filha de D. Fernando e D. Leonor Teles, casada com D. João I de Castela e o *Mestre de Aviz*, D. João, bastardo de D. Pedro I, como aquele seu homónimo, e de D. Teresa Lourença.

Tanto o filho de D. Inêz, como D. Brites lograram a honra de ser aclamados em várias localidades, vilas e cidades.

Porém, o primeiro acima, estando em Espanha, foi prêso e encerrado rigorosamente na cadeia, onde morreu.

Contudo dos três indicados era o Mestre de Aviz o mais amado e querido das massas populares.

Entretanto ia administrando a regência a raínha viúva que, portanto, dispunha de alguns partidários e castelos seus.

Nesta conta encontrava-se o de Guimarãis, do qual era alcaide-mor Aires Gomes da Silva, o *velho*, que para aquele cargo, D. Fernando nomeara bem como alcaide do de Valença, atenta a muita afeição que lhe dedicava por ter sido seu aio ou preceptor e pelo muito prestígio de que dispuzera para com D. Pedro I, seu pai.

Para corroboração dessa afeição basta relembrar o facto de D. Fernando ter perdoado ao infante D. Deniz, seu irmão adulterino, ter se recusado, diante das comitivas régias e muitos outros fidalgos, a beijar a mão de D. Leonor Teles, como raínha, numa das salas do paço episcopal de D. João, Bispo do Pôrto, na recepção oficial, pelo rei dada, no regresso a Lisboa, do seu recente casamento. O rei, exasperado correu para o irmão de punhal em punho e certamente tê-lo-ia vitimado se Aires Gomes da Silva o não tivesse dissuadido com palavras *sensatas* e de *preponderância*.

Mas passemos adiante.

(Continua).

P.e Alberto Gonçalves.

A acção da Casa do Povo de Ronfe

Inauguração solene dum novo edifício escolar

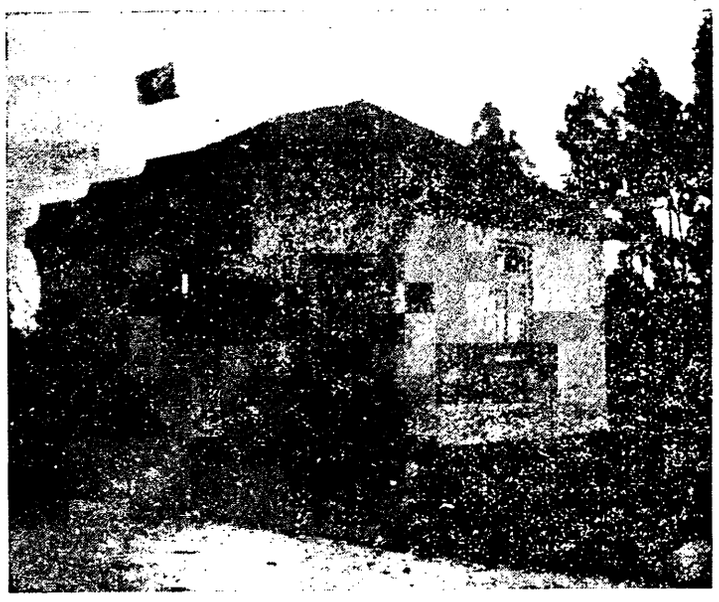
Não podia, o «Notícias de Guimarãis», deixar de referir-se a um facto que mostra bem o pensamento que anima o espírito dos dirigentes da CASA DO POVO DE RONFE, que, inteligentemente, trabalham para o futuro e bem-estar dos seus operários, fazendo uma obra de verdadeiro alcance social.

Já aqui dissemos das ideias e princípios que servem as Casas do Povo, da influência, acção e fins que exercem nos centros rurais e fabris, dispensando-nos, por agora, de lhes fazer mais largas considerações, embora nunca seja de mais focar a alta importância social que representam para os trabalhadores.

As camadas tendem para um melhor caminho de equilíbrio entre os homens, compreendendo-se mùtuamente, e mùtuamente dando-se as mãos num entendimento sem reservas que nos apraz registar com viva e íntima satisfação. E' o que acabamos de observar na tarde do último domingo, na linda e airosa, fresca e garrida freguesia de Ronfe, por ocasião da inauguração da sua nova escola, que deu motivo a uma interessante e comovente festa, que, por muitos anos, perdurará na memória da laboriosa população de Ronfe, — gente simples e humilde que vive a vida sàdia e fresca dos campos —, acorrendo em massa a levar os aplausos e os agradecimentos do seu coração aos obreiros de uma bela e altíssima obra em benefício das criancinhas. Festa cheia de simplicidade, sim, mas também de grandeza moral e educativa para o bom povo de Ronfe, que, em tão pouco tempo, viu realizadas as promessas dos dirigentes da Casa do Povo, a ela se associando com entusiasmo e alegria nas suas sinceras manifestações dispensadas com carinho e respeito — manifestações tão simples e expontâneas atravez das quais se lia nos seus olhos o reconhecimento de coração agradecido.

Melhoramento importante, a nova Escola de Ronfe marca como um grande valor espiritual na vida daquêle povo, pois os activos e inteligentes membros que compõem a Casa do Povo, compreendendo e sabendo que nem só de pão vive o homem, deram-se à árdua canseira de dotar com um novo edifício escolar a freguesia de Ronfe, onde os filhos dos trabalhadores pudessem respirar com mais alegria a vida da sua idade escolar, num aconchêgo mais próprio ao carácter infantil, bebendo a luz do sol e da instrução.

A Casa do Povo de Ronfe, composta de elementos que muito têm já contribuído para ocorrer às necessidades dos seus associados, mostrou eloqüentemente, na tarde de 3 de Maio corrente, a grandiosidade dos seus princípios corporativos, cumprindo nobremente os fins para que foi criada. Seja-nos permitido salientar, sem que nisso se veja melindre para os demais activos corpos gerentes da Casa do Povo, o nome do nosso querido amigo, sr. António Teixeira de Melo, espírito desempoeirado de preconceitos estultos, de largas e inteligentes qualidades de trabalho, postas agora em relêvo pela sua benemérita acção ao serviço dos humildes e dos operários. Trabalhador incansável, desprendido de protocolos que só servem para ridicularizar uma sociedade ôca de virtudes e vasia de sentimentos — os mais belos e os mais puros — o sr. Teixeira de Melo, que é um industrial cuja actividade desnecessário se torna encarecer, porque os factos se encarregam de as mostrar aos olhos de todos, desde há muito que consagra e dispensa à justa causa social dos desprotegidos as suas atenções e os carinhos do seu grande e generoso coração.



Novo edifício escolar de Ronfe

Revestida, muito embora, de simplicidade, a solenidade da inauguração da nova Escola de Ronfe teve, contudo, a abrilhantá-la a presença de centenares de pessoas de Ronfe e de outras localidades, àlém das autoridades vimaranenses e da representação oficial do Distrito.

Passava já um pouco das 16 horas quando se deu princípio à sessão solene, a qual teve lugar na sala de aula do novo edifício escolar — uma sala ampla, higiénica, por onde a luz e o sol entram a jorros, dotada de todo o material didático. O presidente da Casa do Povo, sr. José de Oliveira Pinto, convida para presidir àquela sessão solene o sr. dr. Henrique Cabral, Delegado, em Braga, do Instituto Nacional do Trabalho e Previdência Social, que Sua Ex.ª, por sua vez, convida para secretariá-lo os srs. António José Pereira de Lima, Administrador do Concelho; António Lopes de Carvalho, Vereador da Câmara Municipal de Guimarãis; dr. Alberto Cruz, deputado da Assembleia Nacional, e Manuel Carmona, Inspector Escolar.

Aberta a sessão, usa em primeiro lugar da palavra o digno professor da escola do sexo masculino de Ronfe, sr. Dionízio Martins, que lêu um breve discurso. São palavras simples, sóbrias, cheias de sinceridade e de justiça, congratulando-se por se vêr libertado e os seus alunos duma coisa a que por ironia davam o nome pomposo de escola! Faz considerações várias que a assistência recebe bem, principalmente quando se refere ao sr. António de Melo e sua ex.ma espôsa, cuja acção em prol do desenvolvimento intelectual e moral da população de Ronfe põi em relêvo, aproveitando a oportunidade para realçar os serviços prestados já ao operariado pela Casa do Povo. Tanto esta como a nova Escola são dois importantes melhoramentos que a freguesia fica devendo ao esfôrço do sr. Melo, que bem pode considerar-se seu patrono. Diz ainda merecer-lhe especial referência os srs. Manuel da Costa Gonçalves, Moreira de Sousa, José Lopes Cardoso e Abílio Luís Ferreira, da Comissão de Meios, pois foram incansáveis na aquisição de donativos e, ainda, o sr. António Lopes da Silva, por ter cedido o terreno — embora por compra — que tanto custou a conseguir. O orador, dirigindo-se ao sr. A. Lopes de Carvalho, agradece-lhe nos termos mais reconhecidos por o atender a êle e ao ex.mo sr. António Melo no seu pedido dum subsídio da Câmara para a construção do edifício. As suas últimas palavras são para os seus alunos, pedindo-lhes para não esquecer os nomes dos homens ali pronunciados, porque depois dos pais são êles os seus melhores amigos. Diz-lhes dos seus deveres como alunos para que àmanhã possam ser bons cidadãos.

O sr. António Lopes de Carvalho, como representante da Câmara, diz nada ter que agradecer à Câmara nem a êle a direcção da Casa do Povo de Ronfe. Antes estão agradecidos — êle e a Comissão Administrativa — pois nunca viram tarefa tão fácil como a da construção da Escola de Ronfe, afirmando que só ao sr. Melo e seus colaboradores se deve aquele elegante edifício. Uma frase: A Câmara cumpriu, apenas, o seu dever oficial! Espraia-se em considerações, e, rasgando o elogio da mulher, diz ser necessária a criação da Assistência Escolar, lembrando que só as Senhoras, em colaboração, o podem fazer. Só elas estão à altura da sua missão, como mulheres e como portuguesas. Prometeu o auxílio da Câmara para, junto da Escola, ser levantada uma outra — a do sexo feminino — completando a Obra, porque, acrescenta, a julga incompleta.

Segue-se-lhe o sr. António Teixeira de Melo, principal fundador e orientador da Casa do Povo, que, como presidente da sua Assembleia Geral, faz algumas breves e ligeiras considerações à margem dos dois mais belos empreendimentos que são honra e orgulho da freguesia de Ronfe, dizendo das contrariedades e das canseiras que êle e seus companheiros encontraram no caminho, mas que desprezando umas e outras, fôram até ao fim nos seus propósitos sentindo-se satisfeitos por vencerem tôdas as dificuldades. Mostra a necessidade de se fazer da Casa do Povo — um dos primeiros, se não o primeiro organismo corporativo criado no distrito de Braga — mais alguma coisa para que possa bem servir os seus fins, mencionando, a seguir, os benefícios prestados à freguesia por esta instituïção.

A Casa do Povo — diz — mantém, há um ano e meio, na sua sede e fora dela, serviço médico para os seus sócios efectivos; paga subsídios aos mesmos quando doentes, no desemprêgo, na morte ou nascimento dos filhos; tem distribuído géneros aos pobres mais necessitados como aos sócios mais pobres lhes tem dado o subsídio de medicamentos. Mais fêz ainda esta Casa, conseguindo a vinda a Ronfe de um engenheiro-agrónomo, que, durante alguns dias, ensinou aos sócios como deviam podar e tratar as fruteiras; conseguiu de algumas casas comerciais o desconto de 10 °/₀ para todos os sócios na compra de máquinas ou utensílios agrícolas; conseguiu também, em algumas farmácias, o desconto de 10 °/₀ nos medicamentos manipulados, quando destinados aos sócios efectivos, como igualmente pediu aos proprietários e industriais para quando necessitarem de admitir pessoal dêem a preferência aos sócios da Casa do Povo desempregados. Mais ainda fêz esta instituïção, pois conseguiu que dois veterinários, gratuìtamente, vacinassem o gado suíno contra a peste porcina, que então lavrava nesta freguesia, debelando um mal que tantos prejuízos ocasionou à economia de muitos lares. Benefícios êstes de ordem interna, de segurança individual e colectiva, porque outros — de ordem geral — prestou e procura prestar a Casa do Povo, como sejam o pedido feito à Direcção Geral dos Correios para melhorar o serviço de transporte de malas entre esta freguesia e Guimarãis; ao Govêrno representou no sentido da projectada linha do Vale do Ave seja construída na margem do mesmo rio, com uma estação em Ronfe, e o prolongamento da linha do C. de Ferro Póvoa-Famalicão, com ligação à referida linha do Ave, etc., etc., e, agora, a construção, com o auxílio da ex.ma Câmara, de esta escola a-fim-de evitar que as crianças fôssem privadas da instrução. Não sabe — diz — se a sua construção satisfaz os mais exigentes, mas sabe que satisfaz os desejos e necessidades da freguesia, excedendo o seu custo as possibilidades da Casa do Povo. Fala, a seguir, em números que a assistência ouve interessadíssima, e, embora contrariado, — vê-se bem — não pode, em sua consciência, calar o que à volta da Casa do Povo de Ronfe se tem passado, pois aquêles que tinham a obrigação moral de serem os primeiros a auxiliar a Casa do Povo, lhes criam os maiores embaraços. Continuando, acrescenta, que êle e os seus companheiros da Casa do Povo de Ronfe alguma coisa têem feito no sentido de contribuír para a solução da questão social bem agravada por muitos conservadores que, para prestígio das fileiras que o orador serve, precisavam de ser corridos. Diz-lho a consciência que tem trilhado o caminho da Verdade, que outros procuram criar empecilhos. A-pesar-dêsses outros se afirmarem situacionistas, fingem ignorar a sua existência; no entanto, são os primeiros a apregoar a necessidade da criação de Casas de Povo. Diz que não é ali o lugar próprio, mas não o consente a sua dignidade nem o seu nome que cale por mais tempo o estendal de misérias que se têm levantado em volta da tão humana como altruista instituïção. As palavras do sr. Teixeira de Melo, escutadas em silêncio, são muito aplaudidas por tôda a assistência. Termina, agradecendo a todos os que deram a honra da sua presença àquela festa, — a inauguração da Escola — obra grandiosa da Casa do Povo.

Fala a seguir o Inspector Escolar, sr. Manuel Carmona, focando a alta importância moral que tem para o povo a criação das escolas, chamando a atenção do daquela freguesia para os respeitáveis nomes das pessoas que contribuíram moral e materialmente para a edificação daquela escola. Sente-se satisfeito, por isso, e regosija-se com a inauguração do modelar edifício, cujas paredes hão-de envelhecer muitas gerações escolares.

Termina apelando para que a Casa do Povo consiga concluír a bela obra educativa já iniciada. Agradece a honra do convite e dirige as suas felicitações a Ronfe.

O professor sr. João Marques, diz que Ronfe está de parabéns, e êle dá-lhe os seus também. Felicita, elogiando, o seu colega, sr. Dionízio Martins, e tôdas as pessoas que contribuíram para a construção da Escola.

Segue-se-lhe o sr. Dr. Alberto Cruz, representante, ali, da Assembleia Nacional. O seu estado de saúde, diz, não lhe permite falar, mas vê e sente que não pode deixar de o fazer, embora em poucas palavras. A escola inaugura-se no dia maravilhoso em que as caravelas portuguesas e Pedro Alvares Cabral descobriram o Brazil. A 3 de Maio comemora-se o seu descobrimento; a 3 de Maio inaugura-se aquela escola. E' dia de festa duas vezes! Referindo-se à acção da Casa do Povo, bemdiz a ideia da criação destas instituïções que são o templo onde o povo vai beber a luz da instrução.

Agradece o terem-lhe proporcionado o prazer espiritual de vir assistir àquela festa, que o encantou. Saúda o povo de Ronfe que ali acorreu, pois sabe compreender os benefícios morais e materiais que a escola lhe trará.

Fala, por último, o presidente da Casa do Povo, sr. José de Oliveira Pinto. Borda à margem da instiuïção que dirige interessantíssimas considerações, dizendo que a fé que o anima e aos seus colegas há-de fazer da Casa do Povo uma obra grandiosa para servir os operários e os humildes. Tem palavras amigas para todos e muito especialmente para o sr. Teixeira de Melo, que espera vê-lo sempre a seu lado para levarem até ao fim a obra de fé e de realizações, uma das quais ali está patente aos olhos de todos.

O sr. Dr. Henrique Cabral, Delegado, no distrito, do I. N. T. P. S., manifesta o desejo expressivo de que da Casa do Povo saia o maior efeito útil, moral e espiritual. E' tarde já para se alongar em considerações pois também desejaria imenso dizer ali do que viu e sentiu, mas que foi dito o bastante sôbre a escola e aquela festa. Por entre estrondosas salvas de palmas e vivas foi encerrada a sessão.

Depois do "copo de água" junto ao palacete do sr. António Teixeira de Melo, um grupo de convidados, vendo-se na direcção do sinal X aquele importante industrial e grande amigo de Ronfe.

Um "Copo de água,,

Em casa do industrial e nosso prezado amigo, sr. António Teixeira de Melo, para onde todos os convidados se dirigiram, foi, depois, servido um primoroso e abundante «Copo de água», que decorreu no meio da maior alegria e entusiasmo.

Iniciou os brindes o sr. António Lopes de Carvalho, representante do Município, que dirigiu ao sr. Teixeira de Melo e a sua dedicadíssima espôsa as suas felicitações, salientando os primores de gentileza com que se abriram as portas daquela casa bem portuguesa, que bem pode chamar se «à antiga». Seguiu se-lhe o sr. António José Pereira de Lima, administrador do concelho; Dr. Alberto Cruz e António Faria Martins. Os oradores prestaram homenagem à Casa do Povo e ao sr. António Teixeira de Melo, ouvindo-se muitos vivas a Ronfe, à Casa do Povo, ao sr. Melo e sua Família, etc., etc. O sr. Teixeira de Melo agradece as palavras que lhe dirigiram e a sua espôsa, pelo que se sentia muito sensibilizado, renovando os seus agradecimentos a tôdas as pessoas que lhe deram a honra da visita à festa da Escola e a sua casa.

Cêrca das 20 horas os convidados retiraram-se optima-

LORDELO E A INTEGRIDADE DO CONCELHO

O "Notícias de Guimarãis", interpretando os sentimentos do Povo honesto e trabalhador do Concelho de Guimarãis, apela para os seus nunca desmentidos créditos de defensor dos direitos e regalias da sua Terra, e que aguarde confiante as providências tomadas depois de nós pela Ex.ma Comissão Administrativa da Câmara, que velará pela integridade do Concelho.

Carta de Lordelo

Antonino Dias Pinto de Castro. Considerações à volta duma amizade. Outras notícias.

(Retardada)

Deixamos, para esta carta, aquele testemunho de gratidão e elevadíssima estima que desde o princípio das nossas correspondências para o *Notícias*, cada vez mais se firma, tendo atingido ràpidamente a mais alta expressão dum verdadeiro interêsse e amizade.

Quando S. Ex.ª nos fêz a oferta de um número especial do «Notícias de Guimarãis» dedicado a esta Terra, que embora não tivesse sido o nosso berço, amamos com entranhado amor, pensamos em conjunto em todos os sacrifícios que tal empreendimento custaria à Administração do Jornal e não foi sem um secreto receio que nos abraçamos à obra.

Tanto nos animou, entretanto, o espírito empreendedor e firme do nosso bom Amigo, que não esitamos mais, crendo assim obedecer ao admirável critério regionalista, que orienta o «Notícias de Guimarãis». Bem haja o ilustre Director pelo bom serviço que a Lordelo presta.

Ouve-se freqüentemente falar em acção regionalista determinada por êste ou aquêle jornal de Província, e muitos há que apregoam essa modalidade em caixa alta.

Realizá-la brilhantemente é talvez a preocupação máxima da Direcção do «Notícias de Guimarãis», que sempre tem obedecido aos supremos interêsses do Concelho, deixando no lugar ínfimo que lhes cabe, tôdas as mesquinhas manifestações dum falso regionalismo, que verdadeiramente, por vezes, se arrasta pelas ruas da amargura...

Cumpre-nos agradecer a amizade com que o «Notícias de Guimarãis» honra Lordelo e o acolhimento que êste jornal tem tido nesta Terra, mesmo antes dêste grande esfôrço que representa o presente número, é a prova de que tem sido bem compreendida a missão por vezes dificultosa a cumprir.

Do presente número cabe ao Correspondente a satisfação de ter encontrado a melhor bôa vontade nos seus anunciantes e colaboradores.

A todos muito obrigado, não em nome pessoal, que não desejamos contraír nêste Jornal dívidas que não possam ser pagas com o amor à nossa Terra e aos seus homens e às suas obras.

Mas, sobretudo, muito obrigado ao Ex.mo Sr. Antonino D. Pinto de Castro, que nos favoreceu a ocasião de revelar Lordelo, sob alguns dos aspectos, porque deve ser olhado.

Ficou o trabalho incompleto e desluzido...

Mas ao organizador dêste número sobrou a bôa vontade de fazer qualquer coisa pelo amor da Terra, em que vive.

Não terá sido feliz? Foi, entretanto, sincero.

— Vai organizar-se ou já estará organizado uma comissão para angariar donativos que se destinam à reparação do caminho do Cemitério à Igreja e, possìvelmente, ao respectivo largo.

Assim mesmo é que se faz.

Cada vez mais se firma a convicção de que se quizermos que a nossa Terra nos não envergonhe, temos de contar sòmente connosco.

A Câmara... tem muito mais que fazer do que importar-se com Lordelo!...

Se um dia porém, quando se importar fôr tarde, que nos não sejam imputadas responsabilidades de atentar contra a integridade do Concelho a que pertencemos...

— Já regressaram aos seus trabalhos escolares os meninos Alvaro e Emídio, filhos do nosso prezado amigo Sr. Luíz Machado, digníssimo professor oficial.

— Também partiram já as meninas Maria Guilhermina e Maria Emília de Freitas Lima e Maria Evangelina, filhas dos nossos amigos Sr. Armindo de Freitas Lima e Joaquim Dias Machado.

— Tivemos o prazer de cumprimentar, ontem, o Sr. José Rodrigues Machado, comerciante no Pôrto, que aqui esteve de visita a sua Ex.ma Família.

Abril, 27. C.

Nós pedimos...

Quando qualquer povoação pode dar, como Lordelo, o exemplo de, entregue apenas a si mesma, realizar o que tem realizado, tudo quanto seja ajuda dos Poderes públicos é não só um prémio ao esfôrço colectivo, mas é também o grito de incitamento à continuação de mais obras.

De há muitos anos que em Lordelo não aparece uma obra em que tenha ficado vincado o nome duma vereação do concelho de Guimarãis.

A proximidade dos concelhos limítrofes, onde freguesias muito menos importantes do que Lordelo, que lhes pertencem, contam com uma ajuda incondicional, que frutifica em melhoramentos públicos de tôda a ordem, cria nesta freguesia um descontentamento cada vez mais pronunciado.

Cumpre-nos o dever de fazer estas declarações e de salientar o que temos realizado, o que queríamos realizar, mas cumpre-nos também a obrigação de salientar o abandôno dos poderes públicos que é imerecido e injusto.

Nesta época de farto ressurgimento nacional afirmado por tôda a parte, nesta época em que se afirma que o Estado é para todos, porque ao encontro de todos vai com o seu auxílio, Lordelo nada tem que agradecer ao Estado porque, infelizmente, nada se realizou em seu benefício, com a sua comparticipação.

Por culpa de Lordelo não, que a não tem.

Desanima encontrar-se sucessivamente fechada uma porta que deveria estar aberta para receber e dar a quem pede o que é justo.

Como migalhas dum orçamento, que deve ser de grandes possibilidades, Lordelo recebe, raras vezes, umas poucas centenas de escudos da Câmara de Guimarãis.

Mas a que chegaria êsse auxílio sem o refôrço particular, da iniciativa pessoal dêste ou daquele Lordelense benemérito, que do seu bôlso faz o restante se, às vezes, não faz tudo até?!

Lordelo não tem fontes públicas que, decentemente, assim se possam chamar.

Não tem caminhos, porque a sua maior parte estão intransitáveis.

Não só se não abrem aqueles que o seu desenvolvimento requere, mas, por lástima, até os já existentes se deixam abismar!

E perdem-se de tal maneira os caminhos já existentes que se a Câmara de Guimarãis não socorrer com um esfôrço máximo esta freguesia, para a reparação dêles, dentro em muito breves anos tudo será para fazer de novo, com a dificuldade e com o dinheiro a gastar, que será apavorante.

Nunca será demais insistir nisto.

Se a Câmara de Guimarãis se julgar fora do dever de nos socorrer, porque, pùblicamente, lho não tenham lembrado, que se digne, ao menos agora, atender êste pedido que fazemos, e a sua memória e a nossa gratidão serão indeléveis em Lordelo.

LORDELO

Notas monográficas

Situada no extremo sul do concelho de Guimarãis e distrito de Braga, a freguesia de Lordelo é a primeira da Província do Minho, considerada a ligação por estrada que do Porto, por Santo Tirso e Guimarãis se dirige à Capital do distrito.

E' ainda a primeira povoação da mesma Província, que a linha do Norte atravessa e na qual tem uma Estação importante, Lordelo, e um dos mais, senão o mais importante apeadeiro do seu curso, que é Atainde.

Disseminada na margem direita do rio Vizela, por aldeias, algumas delas muito populosas, como são as da Ponte, Alto da Ribeira, Ribeiro, Rua Nova, S. João, Freitas, Chamusca, Samar, Atainde, Fundão, Lovazim, Carreiro, Guinde, Paço de Além, Seara, Monte, Enxudres, Lanhoso e finalmente e ao centro Igreja, a freguesia de Lordelo estende-se ao longo do vale banhado pelo rio, limitada pelas freguesias de Moreira de Conegos, Guardizela, Riba d'Ave e Negrelos, tôdas à margem direita do Vizela. Para além dêle, pela margem esquerda, são vizinhas as freguesias de S. Martinho do Campo e Roriz, que com as de Negrelos — S. Tomé e S. Miguel — pertencem já ao concelho de Santo Tirso.

Esteve, em época muito remota, anexa à freguesia de Lordelo a de S. João de Calvos, hoje inexistente, cuja igreja matriz é a que, hoje, se chama Capela de S. João, no lugar do mesmo nome.

Fala dessa freguesia o probo corógrafo P.e Carvalho, no primeiro tomo da sua conhecida *Corografia*.

E' valiosa a Capela (chamemos-lhe assim...) de S. João, pelo seu cunho arquitectónico acentuadamente românico e é, sobretudo, valiosíssima a cruz admirável, que encima o arco cruzeiro.

Bem merecia esta Capela que nela se procedesse a um restauro, que nunca seria muito custoso, dadas as exíguas proporções do edifício. E' o mais antigo monumento de Lordelo.

Uma outra Capela, mas esta sem o interêsse de antigüidade, ao menos como edifício, deve merecer a atenção, pelas famosas romarias, que, noutros tempos, se realizavam à sua volta.

Queremos referir-nos à da Senhora da Sêca, no lugar de Lovazim, hoje tam abandonada e esquecida.

Era ali que o Povo de muitas freguesias de à volta se juntava a implorar da Mãi de Deus a chuva, nas longas estiagens. E a verdade é que, como é da tradição, os romeiros de volta aos seus casais, próximos ou longínquos, chegavam da romaria, muitas vezes num pingo...

Não se fazem já hoje estas romagens. E' de crer que também êste ano se não venha a fazer, ao menos para pedir chuva...

Mas seria bem interessante que uma nova confraria, se é que não existe uma antiga, não deixasse perder e até reatasse a tradição dessas festas.

São as tradições e costumes dum povo que lhe dão a sua característica etnográfica, deferenciadora de regiões e países.

Lordelo é sensìvelmente semelhante nos seus costumes a tôdas as freguesias do Baixo Minho, apenas influenciado pela pròximidade de grandes centros fabris, que são sempre profundos alteradores dos costumes e hábitos, pretensamente mais civilizados, mas, em verdade, lentos mas progressivos destruïdores das características étnicas e morais do Povo.

O trajo minhoto, por exemplo, quási não aparece e apenas o ostenta um ou outro velhote, lavrador ou lavradeira, conservadores e puritanos.

Uma demasiada desenvoltura nas raparigas, operárias fabris, junto a um insensato menosprezo pelo trajo da região, distanci-as bem daqueles tipos ideais da mulher do Minho.

Mas, se por um lado, a proximidade dos grandes centros fabris desvirtua as características populares, por outro é Lordelo amplamente compensado, com a melhoria das condições de vida social, sob o aspecto económico e de progresso material.

Compreendida a freguesia no âmbito operário de Negrelos e Riba d'Ave e possuindo também importantes fábricas, não se nota em Lordelo a carência de trabalho, que tanto aflige e perturba as povoações menos privilegiadas.

E' consolador afirmar que em Lordelo não existem vagabundos de profissão, mesmo daquela espécie a quem a riqueza pessoal costuma a atirar para o estado dos que nada fazem.

A sua situação à margem do Vizela, faz com que Lordelo seja uma das freguesias mais importantes, industrialmente considerada, se não a maior do concelho de Guimarãis.

Ao longo do rio, nas inúmeras quedas e açudes, se levanta uma fábrica. A indústria de tecidos de linho, que em Lordelo atinge uma perfeição inegualável, e a dos algodões merecem especial relêvo.

Mas não são as únicas. Outras fábricas se juntam a estas, dos mais variados ramos industriais: — pentes, papel, etc.

Desta excelente situação de privilégio natural mal se apercebe o encanto do Vizela, seu criador, poderíssimo agente duma riqueza, que, pròdigamente, nos oferece!

Rio duma beleza de Sonho, mas também fonte inexgotável de actividade e fortunas.

Possue, actualmente, Lordelo uma população de mais de 2.000 habitantes, distribuídos por fogos, sendo a maior parte dela constituída ainda por lavradores, senhorios ou caseiros, a braços com o amanho das suas fecundíssimas e óptimas terras, mas a braços também com a penosa crise em que vive a lavoura.

Esta crise provoca a deserção de muitos braços, que se desenvolveram nas fadigas e lidas dos campos, para as fábricas, na mira dum salário mais remunerador e de um trabalho menos árduo.

E, se um dia as fábricas deixam de alimentar tantas bocas, como será resolvido o problema do trabalho de tantas pessoas a quem a lavoura não pôde, infelizmente, sustentar?

Perfeitamente enquadrada na paisagem do Baixo Minho, a freguesia de Lordelo oferece aos olhos o sumptuoso espectáculo duma intensa arborização, que emoldura as veigas e os prados. A vinha e os cereais ocupam a quási totalidade das terras de cultivo, fornecendo à economia rural os seus produtos e alegrando a paisagem com riquíssimas côres de multíplos cambiantes.

E' notável a qualidade dos seus vinhos, não muito diferençados do tipo regional que criou fama aos de Santo Tirso e cujas condições de cultura, tratamento e solo são idênticas.

Mas, voltando ainda à sua paisagem, salientemos o esplêndido miradoiro que o Monte de Cabeço de Meninos, que domina, pelo Norte, como uma fortificação, a povoação de Lordelo.

Aureolado da lenda, que no seu alto colocou o encantamento dum grupo de meninos, ainda à espera do desencanto..., leva-nos a um outro encantamento a sua situação, pondo-nos diante dos olhos um panorama vastíssimo, invulgar e até difícil de encontrar em elevações muito mais pronunciadas.

E' Lordelo uma povoação adorável pela lhaneza de trato dos seus habitantes, hoje em marcha para um progresso, que, dia a dia, mais se vai firmando.

Embora insuficientes, tem escolas primárias para ambos os sexos, é alimentada por uma muito completa e extensa rêde de distribuïção eléctrica e electricamente também atravessada por dois ramais de alta tensão — Lindoso e Varosa — o que é condição nada dispicienda para o seu progresso industrial. Tem Pôsto da Guarda Nacional Republicana e distribuïção do correio por posta rural.

Trabalha-se para a aquisição de novos edifícios escolares, que recolham satisfatòriamente as crianças em idade própria, para a melhoria de comunicações com as povoações vizinhas, montagem do telefone, estação do correio e outros melhoramentos, que coloquem Lordelo ainda mais acima da posição que tam preponderante é já.

Por todos os motivos oferece esta freguesia as condições duma vida feliz, a que falta notòriamente, a coadjuvação mais pronta e mais eficaz dos poderes públicos, sendo por isso admiráveis o esfôrço e tenacidade dos seus habitantes, que, apenas entregues à sua iniciativa e bairrismo, têm conseguido que Lordelo goze do merecido destaque, que diferencia de muitas freguesias suas limitrofes, porventura bem mais distinguidas.

E' da maior justiça que os Poderes Públicos olhem Lordelo mais complacentemente, indo ao encontro duma povoação, que por si só tantas provas tem dado da sua vitalidade.

P. A.

Um documento leal

Trouxe-nos o correio uma carta que, pela sinceridade expressiva com que está feita, e, ainda, pelas palavras amigas que nos dirige a propósito da homenagem cheia de verdade e de justiça que prestamos a Lordelo, aqui vamos arquivar gostosamente.

Ei-la:

... Sr. Director do «Notícias de Guimarãis»:

Tendo-me chegado às mãos o jornal de 3 do corrente, que V. ... muito dignamente dirige, e que trata com palavras muito acertadas de diversos assuntos referentes à Freguesia de Lordêlo, as quais se devem à esclarecida competência do seu ilustre correspondente, ex.mo Sr. José Maria Pinto de Almeida, eu filho da mesma Freguesia, desejando solenizar êste número do «Notícias de Guimarãis», junto envio a V. ... um vale de vinte escudos, para V. ... distribuír pelos seus pobres.

Pôrto, 5 de Maio de 1936.

Um filho de Lordêlo.

* * *

Agradecendo a generosidade e a lembrança do Lordelense devemos comunicar-lhe que fizemos a distribuïção da importância de 20$00 por alguns dos pobres nossos protegidos.

---

mente impressionados com a hospitalidade que lhes havia sido dispensada com tôda a gentileza, cujos momentos do maior prazer espiritual lhes foi dado gozar no decorrer de tão brilhante como saüdosa festa.

NOTAS — No Salão da Escola viam-se, cruzadas, as bandeiras nacional e da Casa do Povo, e, também, os retratos dos srs. General Oscar Carmona e dr. Oliveira Salazar.

— As crianças da Escola, em grande número, receberam os convidados à porta do novo edifício com taças de flores, sôbre os quais eram lançadas.

— Após ter terminado a sessão solene para a inauguração da nova Escola, foi o edifício muito visitado por centenas de pessoas, recebendo os dirigentes da Casa do Povo, muito especialmente o sr. António Teixeira de Melo, grandes manifestações de simpatia.

O «Notícias de Guimarãie», que sempre tem procurado servir e aplaudir os mais belos empreendimentos, sem o preocupar quaisquer ideologias políticas, daqui saüda sincera e entusiàsticamente os dirigentes da Casa do Povo, felicitando muito cordialmente o nosso querido amigo sr. António Teixeira de Melo, que através da sua vida sempre mostrou possuir uma alma generosa, aberta às maiores obras de sentimento e filantropia.

Entre a numerosa e selecta assistência pudemos tomar nota dos seguintes nomes: D. Elisa Marques, de Famalicão; D. Amélia Magalhãis, de Riba d'Ave; D. Corina Folhadela Barbosa, de Joane; D. Adilia Lenon, de Delãis; D. Marília Folhadela Marques, de Famalicão; D. Maria Emília Folhadela Marques, de Ronfe; D. Mercedes Gomes Ferreira, de Riba d'Ave; D. Eduarda Guimarãis Gomes da Costa, de Pevidém; D. Maria das Dôres, D. Alda e D. Maria Agusta Cruz, de Beja; D. Maria Ermelinda e D. Maria Eva da Costa Ferreira, de Riba d'Ave; D. Maria Lourdes Carneiro, de Braga; D. Maria Luísa Carneiro, de Braga; D. Maria Conceição Pimentel, de Ronfe; D. Camila Teixeira de Melo e D. Maria Coelho de Melo, da Granja; D. Almerinda Augusta Carmona, de Braga; D. Dolores de Sousa Gomes da Gosta e D. Beatriz Gomes da Costa e Melo, de Joane; D. Olinda e D. Rosa Martins, de Ronfe.

Manuel Ferreira Barbosa, dr. Manuel Melo, José de Oliveira Pinto, Prof. João Marques, Prof. Dionísio Martins José de Lemos, Manuel Gonçalves, Narciso de Sousa Lobo, Manuel da Costa Gonçalves, P.e Manuel Esteves Escobar, P.e Horácio Araújo, Eduardo Ferreira de Oliveira, Joaquim Pereira de Abreu, dr. António Machado, dr. António Aboim, Remígio Costa, Armindo Ferreira, Casimiro Barbosa, Manuel Mendes Corvite, José Mendes Ribeiro Júnior, Flávio Moreira, capitão dr. José Machado Guimarãis, José Machado Gonçalves, Manuel Correia Gonçalves, António Gomes da Costa, Altino, Aprígio e Armindo da Cunha Guimarãis, Guilherme Folhadela, António Faria Martins, António Gomes, etc. etc.

Muitas dezenas de crianças das escolas, escuteiros, etc.

Tubos usados

de tôdas as dimensões, para canalizações de água e em muito bom estado de conservação, vendem-se quási de graça na

CASA FERRO

RUA DA REPÚBLICA, 34

(110)

GUIMARÃIS

Ribeiro, Filho

ALFAIATE

Convida os Ex.mos Clientes e amigos a visitarem a sua casa, e a examinarem os artigos de alta novidade, do sortido que recebeu para a estação de verão, com os preços marcados, do fato pronto a vestir, que tem em exposição na sua vitrine, e, além dêsses, muitos outros, que apresenta para escolher ao Largo do Conselheiro João Franco, desta cidade. (73)

HARMONIUM

Vende-se, completamente novo, marca Lindholm, alemão, modelo actual, com as seguintes características: madeira Caoaba, escura, 4 oitavas, 8 registos, 2 jogos e 2 joelheiras de expressão.

Absolutamente expressivo e harmonioso.

Esta redacção informa. (106)

O mais económico, o mais resistente e o preferido pelas grandes emprêsas de transportes

CAMIONS BEDFORD

A grande revelação da indústria inglesa aliada à maior organização mundial do automobilista—a GENERAL MOTORS COMPANY

Camions de 3 1/2 e 5 toneladas de carga útil e especial para 28 passageiros. Travões accionados por servo-freio.

Motor de 6 cilindros com válvulas comandadas à cabeça. Semi-eixos inteiramente flutuantes.

Para outras características examinar os modêlos expostos no stand dos agentes oficiais para todo o Norte:

AUTO-INDUSTRIAL, L.DA

Avenida dos Aliados, 145 — PORTO

(99)

Da Cidade

João Teixeira de Aguiar — Este nosso querido amigo e distinto conterrâneo, acaba de assumir a gerência da importante Fábrica de Roldes, dêste concelho, onde vai, por certo, deixar marcada a sua passagem, pois o sr. Teixeira Aguiar possue as qualidades necessárias para levar a bom termo qualquer empreendimento, motivo porque a referida Emprêsa só terá a lucrar com a permanência daquele nosso prezadíssimo amigo Felicitamo-lo, pois, sinceramente.

Festa do Trabalho — Na festa do Trabalho, realizada no 1.º de Maio, em Barcelos, foi agraciado com a comenda de mérito industrial o sr. António de Castro Martins, antigo e hábil tipógrafo-impressor da acreditada Tipografia Minerva, de que é proprietário o nosso bom amigo sr. António Luís da Silva Dantas. Muitos parabéns.

Festa do Corpo de Deus — Vai realizar-se, êste ano, na paroquial de S. Sebastião (Dominicas) com invulgar imponência, a festividade do Corpo de Deus, em que será orador o rev. Castelo Branco, eminente orador sacro.

Do mesmo templo sairá uma imponente procissão Eucarística.

Pela Penha — Por motivo dos últimos temporais o Hotel da Estância da Penha ficou bastante danificado e vai por isso sofrer algumas reparações, a-fim de reabrir dentro de algumas semanas.

S. João — Como temos noticiado realizam-se êste ano, nos dias 23 e 24 de Junho, grandes festejos ao S. João na Ponte de Santa Luzia.

Cinema-Sonoro na Parada dos Bombeiros Voluntários — Após a retirada do Circo Mariano, a Emprêsa do Teatro Gil Vicente, composta pelos srs. Jacinto Guimarãis e Francisco Gonçalves da Cunha, iniciará sessões de Cinema Sonoro, durante tôda a época de verão, ao ar livre.

Felicitamos a bôa-vontade da Emprêsa em mimosear-nos com espectáculos que nos deshabituamos de vêr, pondo-nos de novo em paridade com terras ditas civilizadas.

Informam-nos mais que espectáculos de variados géneros ali serão representados.

O Grupo "Mocidade Alegre„ e a comemoração Vicentina — Continuam a trabalhar com entusiasmo, para tornar-se digna a comemoração do 4.º Centenário de Gil Vicente, os componentes do Grupo Cénico «Mocidade Alegre».

Além da representação da Farsa *Inês Pereira*, reputada uma das melhores obras de Gil Vicente, o público poderá apreciar e deleitar-se com coros dos autos pastoris, e bem assim a representação do «Monólogo do Vaqueiro» a cargo de Miguel Rodrigues, um dos reais valores daquêle Grupo Cénico,

A Farsa subirá à cêna com todo o rigorismo requerido pela apresentação dos costumes, tomando parte nela 32 personagens, ornada com lindos números de música da autoria da pianista vimaranense, D. Margarida Policarpo Teixeira

Orfeão de Guimarãis — Deve realizar-se em 27 do corrente, em local ainda não designado, a estreia dêste novel grupo Artístico, sob a direcção do Professor Filinto Nina, devendo a inauguração constituír um verdadeiro Sarau de Arte.

Oportunamente publicaremos o programa.

Excursão — Visitou-nos na última segunda-feira, tendo retirado no dia seguinte, o Grupo Excursionista «Relembrando o Passado», da cidade de Aveiro.

Silveira de Freitas — Causou-nos a mais dolorosa impressão a notícia inesperada do falecimento, no Pôrto, dêste nosso ilustre colega e amigo, jornalista vigoroso que conseguiu pelo seu talento e pelo seu trabalho marcar um lugar de destaque no jornalismo português.

Curvamo-nos respeitosamente ante o seu cadáver e apresentamos os nossos sentimentos à família dorida.

Circo Mariano — O Circo Mariano que no último domingo se estreiou em Guimarãis e hoje realiza o último espectáculo, tem proporcionado aos vimaranenses e a muitas pessoas de Fafe, Felgueiras, Vizela, Taipas, Póvoa de Lanhoso e outras localidades que ali tem acorrido tôdas as noites, alguns momentos agradáveis, pois os programas satisfazem em absoluto, sendo composto por números interessantes trabalhos arrojados e de grande efeito que obtiveram o maior exito em Lisboa e Porto.

Na quinta-feira realisou-se a festa artística da simpática actriz Maria Odette e ontem, por completar 5o anos de trabalho em Circos Nacionais e estrangeiros a festa de homenagem a François França, popular *Regisseur* do Circo Mariano.

Registaram-se verdadeiras enchentes.

A Companhia despede-se hoje do público vimaranense que, como sempre, a acolheu carinhosamente e aplaudiu os seus componentes.

Espectáculo de variedades — A troupe artística «Os Mauritânias» de que fazem parte a cantatriz Magda Fernanda, a Artista de declamação Maria Luísa, o actor cantor Aires Carneiro, o cantor de tangos José d'Oliveira e a pianista D. Maria Glória, realiza na próxima terça-feira, às 21 1/2 horas no Salão de Festas do Azilo de Santa Estefânia um espectáculo de variedades com um programa atraente.

Os bilhetes já se encontram à venda.

Instrução popular — Foi nomeada regente do Posto de Ensino da freguesia de Gondar, dêste concelho, a sr.ª D. Luísa da Conceição Pinto.

Julgamento — No Tribunal Judicial desta comarca, reüniu-se, ante-ontem, em tribunal colectivo, presidido pelo Meretíssimo Juíz sr. dr. Artur Valente, que tinha como Adjuntos os Meretíssimos Juízes de Felgueiras e de Santo Tirso, para julgamento de Francisco da Silva Marques, solteiro, maior, alfaiate, do lugar de Moura, da freguesia de S. Jorge de Selho, dêste concelho, que é acusado de dois crimes graves, um de homicídio voluntário, na pessoa de José de Lemos Pinheiro, e outro de homicídio frustrado, no irmão dêste, Manuel de Lemos Pinheiro.

Aberta a audiência, pelas 14 horas, representava o M. P. o sr. dr. Francisco Soares, distinto Delegado nesta comarca, e a defesa estava a cargo do sr. dr. Sá Tinoco, conhecido advogado.

Lida que foi a contestação pelo patrono do réu, foi êste interrogado, e ouvidas as declarações da viúva da vítima, da mãi do réu e o queixoso Manuel de Lemos Pinheiro, sendo logo a seguir, inquiridas as testemunhas de acusação. Como o seu número é grande, foi a audiência suspensa, eram 20 e meia horas, continuando hoje. A' hora do nosso jornal entrar na máquina estão ainda a ser inquiridas testemunhas de defesa.

A esta causa têm assistido muitas pessoas de S. Jorge e de outras localidades.

Casamento — Na passada segunda-feira realizou-se na Igreja Paroquial de Mesão Frio o casamento da ex.ma sr.ª D. Maria José de Carvalho Machado, gentil filha do nosso prezado amigo sr. Coronel Alcino da Costa Machado e de sua espôsa a ex.ma sr.ª D. Maria Leite de Carvalho Machado, da Casa da Quinta, Paçô-Vieira, com o distinto médico sr. dr João Pinto de Sampaio e Castro, filho do habalizado clínico de Paçô, sr. dr. Adelino Pinto de Sampaio e Castro e de sua espôsa a ex.ma sr.ª D. Rosária Sampaio e Castro. Foi celebrante o ilustrado sacerdote rev. João Pinto Ferreira Alves, abade de Arnozela, Fafe, amigo íntimo do pai do noivo.

Os nubentes fixaram residência em Cadaval, onde o noivo exerce clínica.

O «Notícias de Guimarãis» desejalhes as maiores felicidades.

Feira da Rosa — Decorreu com grande concorrência a antiga Feira da Rosa, realizada no domingo último no vasto Campo do Salvador, tendo-se ali efectuado avultadas transacções.

Exposições — No domingo efectuaram-se em vários estabelecimentos de modas da cidade e nos *ateliers* as exposições de artigos para a estação de verão, notando-se por isso mais movimento junto das referidas casas.

Padre Gaspar Roriz — Continuam os componentes do Grupo Dramático Vimaranense a empregar os seus melhores esforços no sentido de imprimirem a maior imponência à projectada homenagem póstuma a essa nobre figura de vimaranense, que foi o padre Gaspar Roriz, há cinco anos falecido.

Dr. José Júlio Moreira de Castro — Na sua casa, em Felgueiras, faleceu, no domingo, repentinamente, o sr. dr. José Júlio Moreira de Castro, pessoa muito conhecida e estimada nêste concelho, cunhado dos nossos bons amigos srs. Francisco Ribeiro Martins da Costa, dr. Luís Ribeiro Martins da Costa e Domingos Ribeiro Martins da Costa, da família de Aldão, desta cidade. A triste e inesperada ocorrência causou profunda consternação. A tôda a família enlutada apresentamos condolências.

O Espírito Santo, na Lapinha — Promete atingir, êste ano, extraordinário brilhantismo, a Romaria do Espírito Santo na Lapinha, freguesia de Calvos, dêste concelho, pituresco lugar de onde se avista um panorama extenso e maravilhoso, a qual se reliza nos dias 3o e 31 do corrente, estando já contratadas duas afamadas bandas de música e alguns pirotécnicos de nomeada.

Registo Civil — O movimento durante o mês de Abril, na Repartição do Registo Civil, desta cidade, foi o seguinte:

Nascimentos, 265; casamentos, 15; e óbitos, 99.

Mário Menezes — Este nosso querido amigo que melhor que muitos vimaranenses se tem interessado pelo progresso desta terra a que está ligado por laços de família e de amizade, tem feito publicar no nosso colega «Correio do Minho», de Braga, umas interessantes «Crónicas Vimaranenses» nas quais pugna com entusiásmo e, como sempre o tem feito, duma forma inteligente e aprumada, pelo engrandecimento de Guimarãis.

Sabemos muito bem o carinho que Mário Menezes tem por esta terra, carinho que chega a ser veneração e admirando-o não podemos deixar de louvar a sua atitude escrevendo aquelas «Crónicas» cheias de verdade e de justiça.

CHAPEUS
CAMISAS
GRAVATAS
MALHAS
PERFUMES
MIUDEZAS
ARTIGOS DE BORDAR
AGENTE Tabú
CASA DAS GRAVATAS
130, PRAÇA AFONSO HENRIQUES, 132 — 1, RUA 31 DE JANEIRO 5
TELF. 188 GUIMARÃIS

Arrendamento

2.ª publicação

No dia 24 de Maio próximo, pelas 12 horas, à porta do Tribunal Judicial desta comarca, situado à rua do Gravador Molarinho, tem de proceder-se ao arrendamento, em hasta pública, pelo maior preço que fôr oferecido, das seguintes propriedades:

Casal denominado de Figueiredo, composto do seguinte: Assento do Casal, Campo de ao pé da Porta, a leira das Leirinhas, Campo de Silvares, o campo do Carvalho, a Leira de Nasceiros, descrito na conservatória da comarca sob N.º 549, — e os prédios descritos na mesma conservatória sob N.os 3028, 7830, 9495, 9860, 10308, 10309, 11560, 12415, 12416, 12417, 12418, 12419, 12420, 12421, 12422, 12423, 12424, 13759, 20579, 21947, 22879, 23887, 24596, 24597, 24599, 24600, 24601, 24602, 24603, 24604, 24605, 24606, 24607, 24609, 24610, 24611, 24613, 24615, 24616, 24617, 24618, 28556, 28613, 28614, 28615, 32387, e 36338, — que são: Bouça da Cumieira, — Casas terreas e horta no lugar do Barroco, — Tapada da Bôa Vista, — Um terreno lavradio com árvores avidadas, no lugar dos Moinhos, — Campo da Porta com seu cerrado, — Campo de Sande ou Cortinha, — Duas leiras de terra lavradia no lugar do Barroco, — Campo da Veiga, — Campo do Covelo, formado por três taboleiros, — Leira do Redondo, situada na veiga do Redondo, — Uma pequena sorte de mato das Prégudas, situada no lugar do seu nome, — Campo de Nasceiros de Baixo, — Sorte de mato solta e situada junto, mas da parte de fora do Campo ou leira de Nasceiros, também chamada de Riba d'Ave, — Sorte da mata, situada no lugar de Nasceiros, — Leira de Rande, — Leira das Mourinhas, no lugar das Mourinhas, ou Sobrado, — Bouça da Chã da Cruz, — Propriedade de casas sobradadas, com quintal e mais pertenças, situada no lugar da Igreja, — Propriedade da Bôa Vista, situada no lugar do seu nome, que se compõi de casas sobradadas, quinteiro, terras de horta e terras lavradias e uma pequena casa colmaça a que chamam a Barra, tendo ao lado do poente um bocado de terreno inculto e outro bocado de terreno também inculto ao lado sul, para onde tem um coberto colmado e eira de pedra, — Propriedade dos Moinhos, compõi-se de terras lavradias, — Propriedade de casa sobradada e terreno de horta, situada no lugar do Souto do Cabo ou Barroco, — Propriedade no lugar da Bôa Vista, que consta de casas telhadas, uma corte, rocio e terra lavradia, formando dôze leiras, — Assento do Casal do Bano de Cima, compreendendo casas sobradadas, barras com suas cortes, coberto, eira, espigueiro e terras de horta e de cultura, — Campo de Santa Marinha, — Leira de Canal de Sendes, — Campo ou leira de Talhoco, — Campo do Talho, — Leira da Cancela, — Leira da Cancela, — Leira dos Canteiros, — Campo das Moleiras, — Campo do Cortelho, — Campo de Lama de sal, — Campo de Pedroso, — Campo do Pojal, — Campo ou leira do Tapadinho, — Leira do Redondo, — Leira de Barreiros, — Bouça da Chã da Cruz, com uma Laje e coberto, — Bouça de Trás do Outeiro, — Bouça da Estivada, — Leira das Moleiras de Baixo, situada no lugar do Barroco, — Propriedade do Barroco, composta de casas, eido, hortas e terreno junto, — Campo do Barroco, — Leiras Moleiras de Cima, — Bouça da Leira da Cancela, terra de mato, — e Leira dos Lameiros, no lugar dos Lameiros, — todos situados na freguesia de Gondomar, desta comarca.

Este arrendamento compreende o usufruto dos referidos prédios a que tem direito o executado Adolfo Antunes de Oliveira Guimarãis, viúvo, da dita freguesia de Gondomar e é pôsto em praça por virtude do ordenado nos autos de acção de alimentos provisórios que contra êle propôs Adolfo Guimarãis e irmã Antónia Guimarãis, esta menor púbere e representada por sua mãi Isménia de Jesus, moradores na cidade do Pôrto e para pagamento das prestações alimentícias vencidas e a vencer, a que tem direito aquela menor Antónia Guimarãis, que serão pagas mensalmente e na importância de 300$ por mês, — conforme o determinado na mesma acção e cujo pagamento será feito no primeiro dia útil do mês seguinte àquêle a que disser respeito.

Guimarãis, 25 de Abril de 1936.

O Chefe interino da 1.ª Secção,

Euripedes Eleazar de Brito.

Verifiquei a exactidão.

O Juiz de Direito,

(101) *Artur Valente.*

DOENÇAS DOS OLHOS

Dr. A. Vilas-Boas e Alvim

Com prática nos hospitais de Lisboa, Madrid e Paris.

CONSULTAS:

Em Guimarãis: Hospital da Santa Casa da Misericórdia, às quartas e sábados, das 9 às 11 h.

Em Braga: Todos os dias úteis. (111) L. Barão S. Martinho, 78.

NOTICIAS PESSOAIS

Acompanhado de sua ex.ma esposa partiu ontem para Lisboa o nosso bom amigo sr. Coronel Alcino da Costa Machado, a-fim de pedir em casamento para seu sobrinho o sr. dr. António Arnaldo de Carvalho Sampaio, da Casa do Ribeiro, Jêmeos, e distinto facultativo dos Hospitais Civis de Lisboa, a ex.ma sr.ª D. Fernanda Branco, filha do Sr. Comandante Fernando Branco, ex-ministro dos Estrangeiros.

De Lisboa vai aquele nosso amigo para Coruche, de visita a sua filha e genro a ex.ma Sr.ª D. Maria Tereza Machado Teixeira Malheiro e o Sr. Dr. Alvaro T. Malheiro.

— Esteve no domingo nesta cidade, tendo-nos dado a honra da sua visita o nosso ilustre colaborador e Amigo sr. Delfim de Guimarãis (vimarane) que veio de visita a sua extremosa mãe, que se encontra bastante doente.

— Com sua ex.ma esposa e interessantes filhinhos regressou de Fermil de Basto, o nosso querido amigo e ilustre 2.º comandante dos Bombeiros V. de Guimarãis, sr. António de Sousa Lima.

— Vimos já, melhor dos seus incómodos, o nosso bom amigo e ilustre oficial sr. capitão Duarte Fraga.

— Sabemos que tem experimentado sensíveis melhoras o nosso bom amigo e distinto advogado e professor sr. dr. João de Oliveira Bastos.

— Esteve ante-ontem nesta cidade o sr. dr. Henrique Cabral, Delegado do I. N. de T. e P. no Distrito.

— Tem passado ligeiramente incomodado o nosso amigo sr. João Dias de Castro.

— Deu-nos o prazer da sua visita o nosso bom amigo sr. Amadeu Guimarãis, actualmente residente no Porto.

— De visita a seus irmãos e Cunhados esteve entre nós o nosso amigo sr. Joaquim de Lima e Silva, irmão e cunhado, respectivamente, dos também nossos amigos srs. Antero Henriques da Silva e José Dias de Castro.

— Tem estado na Capital o nosso prezado amigo sr. Amadeu Carneiro.

— No Hospital de Santo António, do Porto, tem estado em tratamento a esposa do nosso amigo sr. Robalo, Chefe da P. S. P.

— Fizeram ontem anos os srs. Mgr. José Maria da Silva e Dr. Fernando Gilberto Pereira, distinto clínico.

— Passa hoje o aniversário natalício do ilustre oficial da Armada sr. Comandante João de Paiva de Faria Leite Brandão, e Amadeu da Costa Carvalho.

— Amanhã, faz anos o sr. Luís Gonzaga Pereira.

O "Notícias„ apresenta-lhes os seus respeitosos cumprimentos de felicitações.

Casimiras, as melhores, as mais baratas, as mais modernas, na *Filial Pimenta Machado.* (79)

DESPORTO

Jogaram, no domingo passado, em Benlhevai, o «Desportivo de Monção» e o «Maximinense» de Braga.

As reservas do «Vitória» conseguiram ser superiores ao «Maximinense» e alcançaram um triunfo por largo número de bolas, 8 a 1.

A arbitragem, a cargo de Almeida Ferreira, foi absolutamente péssima. As leis nona e sexta, dificilmente aplicadas originaram êrros que a partida acusou nitidamente.

O «Desportivo de Monção», sofreu uma derrota expressiva ante um adversário que foi de longe muito melhor. O «Vitória» jogou mais do que nos últimos desafios e alcançou um triunfo bem merecido. Abusou, em ocasiões do passe, demasiado, e na 2.ª parte dispôs dos visitantes como quis.

Virgílio abriu o activo com um bom goal.

Bravo, remata o segundo ao melhor sítio, depois de uma jogada brilhante da linha avançada.

Clemente, chuta o 3.º, proveniente dum ataque em forma e bem urdido. Marca ainda o 4.º, 5.º e 6.º, todos alcançados com intuïção e consciência.

O único goal, alcançado pelos visitantes, surgiu inesperadamente, por obra do acaso: uma bola que bate na trave transversal sobe e cai a prumo em frente das redes, e apanhada por um avançado do Desportivo, êste consegue o ponto de honra para o seu grupo. Ricoca foi batido sem remissão. Este guarda-redes evitou um goal certo com uma defesa de grande classe. Um «mergulho» estupendo impede o remate a um adversário que só, em frente das redes, se preparava para chutar. Pelo arrôjo, pela decisão e oportunidade da saída, esta defesa foi a melhor coisa do encontro.

A arbitragem de João Passos, boa.

Almeida Ferreira.

Agência do Banco de Portugal

GUIMARÃIS

Serviço de notas

Encontram-se em circulação novas notas de CINCOENTA ESCUDOS — Chapa 5.ª.

Os principais característicos destas notas, podem ser examinados nos exemplares que se encontram patentes nesta Agência.

Guimarãis, 4 de Maio de 1936.

Pela Agência do Banco de Portugal em Guimarãis

OS AGENTES,

Antão de Lencastre
(107) *Heitor Campos.*

VENDE-SE

Um motor a óleo de 12/14 *HP*, marca alemã Deutz, sistema Diesel, de 2 tempos, em segunda mão, mas só com seis mêses de uso, por preço módico.

Falar a Gomes Alves, Matos & C.ª — Guimarãis. (95)

Do Concelho

Briteiros, 5.

A Citânia de Briteiros. No Posto do Registo Civil local. Caso do lépra? Justa petição. As autoridades competentes. Outras notícias.

A Citânia de Briteiros tem sido muito visitada por numerosos excursionistas nacionais e estrangeiros, nestes últimos dias. No mês passado, não obstante o seu rigoroso mau tempo, visitaram-na cêrca de 500 excursionistas.

Nas escavações a que se andam ali a proceder, apareceu, há dias, mais uma porta de entrada para o recinto cercado pelas derruídas muralhas, ora em franca e fiel reconstrução.

— O movimento, em Abril p. p., no Posto do R. Civil local, foi de: Nascimentos, 16; óbitos, 4; casamentos, 2.

— Existe, na vizinha povoação de Caldas das Taipas, um homenzinho que sofre duma terrível moléstia — a lépra — segundo dizem, tendo já parte do rosto comido pela mesma, e andando diáriamente a mendigar, nas ruas daquela povoação, o "pão de cada dia", com o grave perigo de contágio para as crianças e mesmo adultos.

E porque algumas pessoas dali e povoações limítrofes nos pedem para chamarmos, para o caso, a atenção de quem de direito; e porque nós achamos êsse pedido tão justo como oportuno, atendendo à miséria e gravidade do caso, chamamos, por êste meio, e mui respeitosamente, a atenção da Ex.ma Câmara Municipal de Guimarãis, Administração do Concelho, e, finalmente, do Ex.mo Snr. Governador do Distrito, para que, tendo conhecimento do caso, procurem resolvê-lo da melhor forma e com a urgência que requere, procurando — talvez — interná-lo num hospital adquado, evitando, assim, o perigo de contágio.

— E' esperado àmanhã, de vizita a seu filho e "Quinta da Igreja", desta freguesia, o Ex.mo Snr. Dr. João Antunes Guimarãis, ex Ministro do Comércio e muito ilustre Deputado da Nação. Sua Ex.a é sempre bem vindo.

S. Torcato, 7.

Região extensa, S. Torcato é importante centro agrícola, industrial e também muito comercial. Um dos mais populosos do concelho de Guimarãis, é rico pelos seus magníficos produtos, que abastecem os mercados de Guimarãis e de outros concelhos, exportando em larga escala cereais, legumes e batata das melhores qualidades (cultura privilegiada da região). Tem fábricas de cortumes e fabrica calçado, cuja indústria se tem alargado. Formosa pelos seus campos e montados, tem vistas lindíssimas e panoramas vastíssimos. Possue um extenso arvoredo pelo que as suas transacções em madeiras para construção são óptimas e de muito rendimento.

A freguesia de S. Torcato, que se orgulha de possuír um magnífico monumento nacional — a antiqüíssima igreja do Santo —, ostenta no seu principal centro o mais belo e grandioso templo como não há semelhante em outras terras, levantado em honra do Milagroso S. Torcato, onde se venera e respeita o Seu Santo Corpo. Muito visitado durante o ano, à sua volta se reünem os que pela sua fé o contemplam e oram pelas suas virtudes e milagres que se podem observar pelas inúmeras oferendas guardadas e depositadas em lugar próprio do sumptuoso templo.

* * *

Nêste soberbo e aprazível local, cuja amenidade é apreciada por inúmeros visitantes, terá lugar, no próximo dia 15 do corrente, festejando o aniversário do milagroso Santo, uma luzida festividade na sua igreja primitiva, solenidade que promete ser muito concorrida.

Também no domingo próximo, dia 17, realiza-se a denominada *Romaria Pequena*, que, ao que nos dizem, vai ser grandiosa, não só pela grande quantidade de fôgo de artifício, duas bandas de música, diversões populares etc., etc., como também pelas solenidades religiosas, com a bênção da linda Capelinha da água do Santo por Sua Ex.a Rev.ma o Sr. Arcebispo Primás. Neste dia será colocada, ali, à veneração dos fiéis, a imagem de S. Torcato.

A digna Meza da Irmandade de S. Torcato, presidida pelo nosso ilustre amigo, Sr. Alberto Pimenta Machado, não se tem poupado nem poupará a tôdos os sacrifícios para bem desempenhar a sua espinhosa missão, para bem servir o público, que nos vai dar a honra da sua vizita, naqueles dias festivos, a êste local.

— No próximo domingo, realiza-se nesta freguesia, a festa em honra de Nossa Senhora do Rosário, que, como dos anos anteriores, costuma atraír aqui muitos visitantes.

Haverá missa solene, sermão, uma brilhante procissão e bazar de prendas.

E' abrilhantada pela Banda dos B. Voluntários de Guimarãis, e será queimado muito fôgo de artifício.

— Na igreja matriz desta freguesia, está-se realizando o Mês de Maria, que tem sido muito brilhante e concorrido.

— Na sexta-feira, da semana passada, deu-nos a honra da sua visita a esta estância o distinto professor e jornalista, Sr. António José de Oliveira, que era acompanhado de sua esposa, a Sr.a D. Maria Olinda Gomes da Costa Fernandes, digna professora aposentada.

— No domingo passado, de manhã, ao saír da missa, na igreja da freguesia de Castelões, o criado de lavoura, chamado Armando, por questões fúteis, vibrou uma facada no snr. Casimiro António da Silva, ferindo o gravemente. Foi preso pelo regedor da freguesia, que acto contínuo o remeteu, sob custódia, às autoridades da sede do concelho.

C.

Dos Livros. Dos Jornais.

«O Concelho de Cartaxo» — Comemorando a passagem do seu primeiro aniversário, publicou êste nosso prezado colega um excelente número, a côres, profusamente ilustrado com os retratos do seu director e redactores, membros de Juntas de Freguesia, alguns trechos de Cartaxo e, ainda, uma vista geral do seu concelho tirada de avião.

Intemerato, aguerrido defensor dos interêsse da sua região, «O Concelho de Cartaxo» tem sabido impôr-se pelas suas nobres atitudes, lutando incansàvelmente pelo progresso da sua linda terra. Embora mal compreendido dos que talvez se vejam feridos nas suas vaidades, «O Concelho de Cartaxo» atingiu o seu 1.º ano.

A «O Concelho do Cartaxo», ao seu director e corpo redactorial, enviamos as nossas saüdações com os desejos duma vida longa e desafogada.

«O Cometa» — Com êste título, começou a publicar-se, em Lisboa, êste semanário de sátira e humor, tendo como directores literário e gráfico, os srs. Gil Vicente de Figueiredo e Félix Rodrigues.

Leitura agradável, cheia de graça sem aquelas liberdades que muitos se permitem, «O Cometa» apresenta numerosas gravuras acompanhadas de anedotas interessantes, muitas delas recortadas de revistas e jornais estranjeiros.

Ao novo colega apresentamos as nossas saüdações com sinceros desejos de prolongada vida.

A BRASILEIRA

Casa especial de café do Brasil e Pastelaria

61, Rua de Sá da Bandeira, 91

Telefones 379 e 405

PORTO

Vende-o em Guimarãis:

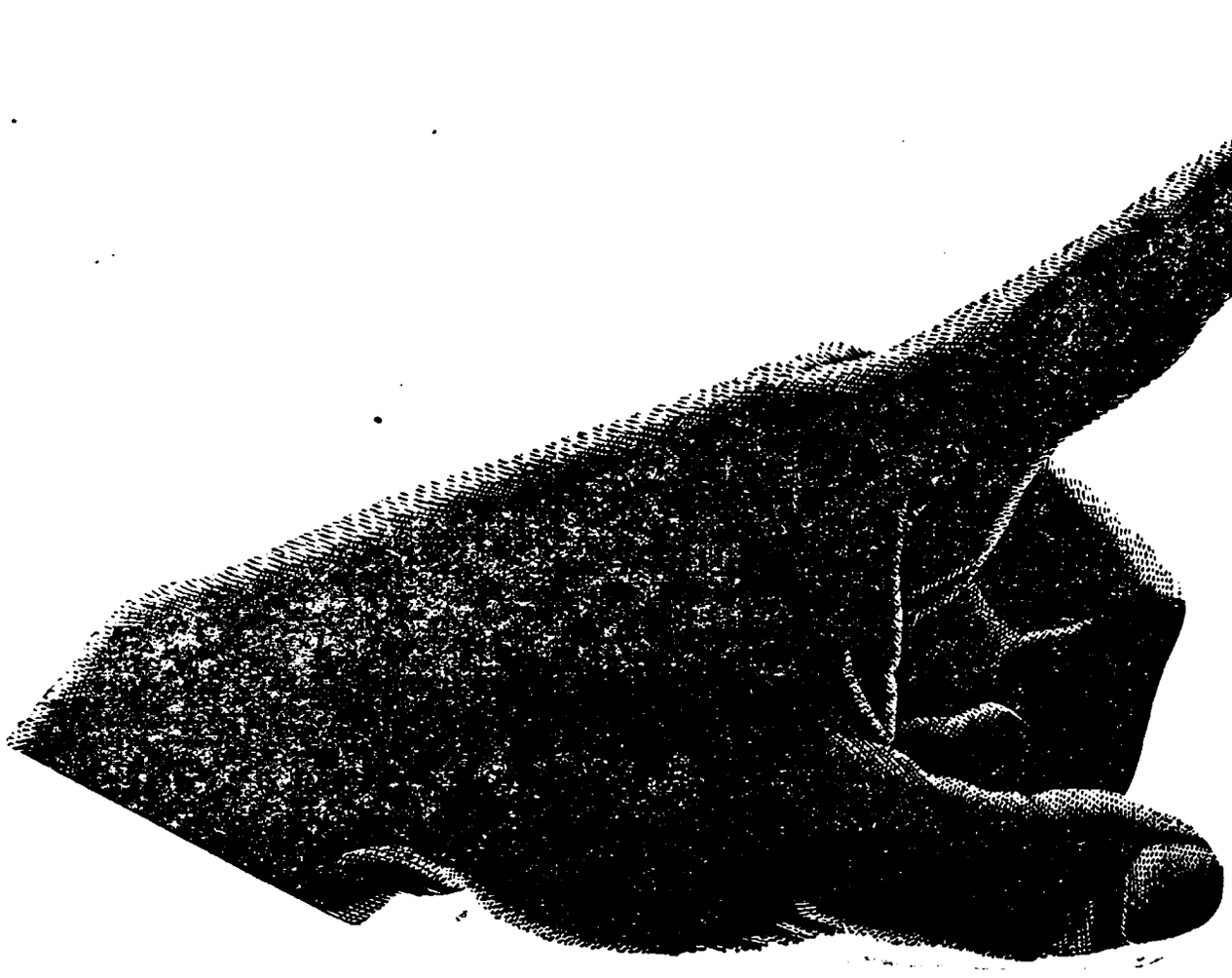
Francisco Joaquim de Freitas & Genro

(105) Praça D. Afonso Henriques, 70

Passa-se por motivos de partilhas, um estabelecimento de ferragens, bem situado, com larga clientela em junto e retalho. Bom emprego de capital. (61)

R. de St.º António, 83, 85 e 85 A.

Vende-se Uma casa, de construção recente, com um pequeno quintal, de aspecto elegante e com bons aposentos. Falar com Manuel Gomes na Casa Nova, lugar da Fonte Santa (Guimarãis). (103)



COMMER

A última palavra da indústria britânica em carros pesados

VINTE MIL LIBRAS (9 MIL QUILOS) EM ORDEM DE MARCHA

SEIS MIL QUILOS DE CARGA ÚTIL

GARANTIDOS PELOS CONSTRUTORES

UM CAMION DE APARÊNCIA IMPONENTE

— Economia verdadeiramente notável tanto em consumo, como em manutenção.
— Robusto motor de 6 cilindros.
— Pneus de 34x7, reforçados, garantidos para serviço completo.
— Eixo trazeiro em aço muito duro. O eixo da frente é de cromo-níquel, endurecido.
— Direcção súper-forte.
— Vigas dos chassis em aço de alta têmpera
— Molas em aço sílico-magnésico, de extraordinária resistência.
— Equipamento completo.
— Semi-eixos inteiramente flutuantes.
— Travões com duplo servo-freio, de diâmetro extra-largo.
— Depósito de gasolina lateral.
— Carter do diferencial extremamente reforçado e inteiriço, de aço-níquel.

Distribuidores exclusivos para Portugal: **Preço, 49 mil escudos.**

António Sardinha, Limitada

RUA DE SANTA CATARINA, 253 — PORTO

(104)